TRANS.BORDAS

Parque Nascedouro

TRANS.BORDAS

Parque Nascedouro

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Laísa Fernanda Santos de Aquino
orientadora Lúcia Veras

RECIFE, 2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Aquino, Laísa Fernanda Santos de .
Trans.bordas: parque nascedouro / Laísa Fernanda Santos de Aquino. - Recife, 23.
80 : il.

Orientador(a): Lúcia Maria Siqueira Cavalcanti Veras
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo - Bacharelado, 23.

1. Projeto de paisagismo. 2. Rio Beberibe. 3. Bairro de peixinhos. 4. Matadouro de peixinhos. 5. parque urbano. I. Veras, Lúcia Maria Siqueira Cavalcanti. (Orientação). II. Título.

710 CDD (22.ed.)

DEDICATÓRIA

Para Luiza,
minha mãe,
com saudade.

Como um rio
teu sangue
corre
em minhas veias.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos que tenho para fazer vão além do que compreende a realização deste trabalho; Quero agradecer à todos que me deram as mãos em um momento em que achei que não havia possibilidade de estar de pé. A falta de Luiza é grande, imensa, infinita. Mas há beleza em encontrar no outro a força para seguir em frente. Por isto, dedico este trabalho a Rafael, que amo como tudo que possuo. Aos meus amados irmãos, Ludmilla e Luiz, pois somos terços de um todo. Às minhas maravilhosas tias. Aos amigos, que se fizeram familia. À minha orientadora, Lúcia, sempre gentil e paciente, por me guiar por este caminho que agora se encerra.

Agradeço, sobretudo, a Luiza, com toda saudade; todo amor, por ter sido exemplo, sempre: de mãe, de mulher, que me ensinou a *ser* sem nunca esquecer do próximo. Difícil, dar este passo sem ela. Este trabalho existe porque Luiza existe em mim.

RESUMO

Construído entre 1874 e 1919, o complexo tombado de edificações que corresponde ao antigo Matadouro Industrial de Peixinhos, na cidade de Olinda, foi transformado, através das décadas - após desativado o matadouro - em palco de diversas ações de transformação social e cultural, oferecendo espaço para o desenvolvimento de grupos comunitários culturalmente atuantes e de atividades educacionais e recreativas: o abatedouro, ressignificado, tornou-se, então, em espaço de criação, de surgimento de ideias e ideais – um Nascedouro. Tal complexo, ainda que se encontre deteriorado e parcialmente arruinado atualmente, representa uma oportunidade de melhoria da qualidade urbana para a comunidade. A história do lugar, entrelaçada com o surgimento do bairro em si, a proximidade da margem do Rio Beberibe, a área do terreno e o projeto do Nascedouro são atributos vantajosos que motivaram a elaboração de uma proposta de intervenção paisagística no local, com objetivo de projetar um parque que sirva a pessoas no bairro e vizinhanças, que abrace o centro cultural e suas atividades e possibilite reconexão entre a comunidade e a frente d'água.

ABSTRACT

Built between 1874 and 1919, the designated complex of structures corresponding to the former Peixinhos Industrial Slaughterhouse in the city of Olinda has, over the decades following the slaughterhouse's closure, undergone a transformation into a platform for various social and cultural initiatives. It has provided a space for the development of culturally active community groups and educational and recreational activities. The reimagined slaughterhouse has become a hub for creativity, the birth of ideas, and ideals – a "Nascedouro" (birthplace). Despite its current state of deterioration and partial ruin, this complex presents an opportunity to enhance the urban quality of life for the community. The intertwined history of the site with the emergence of the neighborhood itself, its proximity to the Beberibe River, the land's size, and the Nascedouro project are advantageous attributes that have driven the development of a landscaping intervention proposal on the premises. The goal is to design a park that serves the neighborhood's residents and neighboring areas, embraces the cultural center and its activities, and facilitates a reconnection between the community and the waterfront.

SUMÁRIO

introdução

1 transbordando o olhar 11

1.1 Da paisagem ao projeto 12
1.2 Do projeto de paisagem 15
1.3 O projeto está na paisagem 18

2 vislumbrando o território 21

2.1 O bairro de Peixinhos, lugar de um matadouro 21
2.2 O matadouro de Peixinhos 27
2.3 De matadouro a Nascedouro de cultura 31
2.4 Entre duas cidades, a legislação que incide e condiciona 36
2.5 Breve panorama socioeconômico 40

3 transbordando uma compreensão do território 43

3.2 A espacialidade da paisagem do Nascedouro 44
3.3 A temporalidade da paisagem do Nascedouro 48
3.4 A materialidade da paisagem do Nascedouro 50

4 vislumbrando um projeto para o Parque Nascedouro 53

4.1 Referências Projetuais 53
4.2 Trans.bordas: condicionantes e definições de projeto 58
4.3 Diretrizes desenhadas: o Parque Nascedouro 67

considerações finais
referências bibliográficas

introdução

À beira do Rio Beberibe, na divisa entre as cidades de Olinda e Recife, o Matadouro Municipal de Peixinhos foi construído entre o final do século XIX e o início do século XX. O Matadouro teve importância significativa na formação do bairro de Peixinhos e ajudou a consolidar uma viva ocupação em seu entorno, com outros equipamentos dele derivados, nos quais as pessoas trabalhavam, viviam e usufruíam dos benefícios trazidos com a sua chegada. O bairro, mais cedo associado às comunidades pescadoras e ribeirinhas, passou, então, a oferecer oportunidades de emprego e renda que deixaram marcas em seu território e na sua paisagem.

O Matadouro foi desativado em 1976, reconhecido legalmente como patrimônio 1980, e suas instalações foram desde então reutilizadas — em larga medida por ação da comunidade que habitava seu entorno. Seu espaço, então, foi resgatado e ressignificado: o antigo abatedouro público torna-se “nascedouro de cultura”, onde várias manifestações artísticas e culturais passam a acontecer. Esse processo de ressignificação do Matadouro chega a seu ápice a partir de 2006, por meio de um projeto que visava a criar oficialmente em seu espaço o Centro Cultural Nascedouro de Peixinhos: equipamento voltado para a comunidade de seu entorno, servia de espaço para manifestações artísticas, cursos profissionalizantes, oficinas de arte e passou a abrigar auditório e centro esportivo.

Hoje, são poucas as atividades que ocorrem nas instalações do Nascedouro, muitas das quais arruinadas e cujas obras previstas no projeto de restauro nunca foram implementadas. Também já não existe mais conexão do espaço do Nascedouro com o espaço do Beberibe, sufocado entre ocupações irregulares e altos muros de concreto. Elementos fundamentais na consolidação da ocupação do bairro, só se conectam na memória viva do lugar.

A relação entre a morte, inerente ao significado e à função do Matadouro, e a vida motivada pela sua instalação no bairro, entre os diversos fenômenos sociais e culturais que se desenrolaram no espaço do seu entorno e através do tempo, exemplificam, no contexto do lugar, como "o mundo é uma totalidade inacabável" (BESSE, p. 66) e como "a paisagem é primeiramente um meio irredutivelmente rico em termos sensitivos e fenomenológicos" (CORNER, p. 146), uma trama complexa que acumula sentidos e memórias. Revela, portanto, a forte relação que foi se estabelecendo entre a natureza – condição de instalação do matadouro próximo ao rio e condição anterior da presença das águas para os assentamentos dos pescadores e lavadeiras –, a imponente arquitetura eclética do Matadouro que se destacava por sua escala, desenho e materiais, e a comunidade local, composta de trabalhadores e moradores, também consumidores de parte dos produtos vindos do Matadouro. Uma convergência de elementos que se interdependiam e entrelaçavam essa paisagem.

À luz disso, o objetivo deste presente trabalho é, tendo como base o projeto do Centro Cultural Nascedouro de Peixinhos, elaborar um projeto de arquitetura da paisagem para o sítio adjacente ao Nascedouro, de forma a complementar o uso já proposto, inserindo-o em um parque articulado à malha urbana onde se insere, oferecendo opções de lazer à população e ampliando o sistema de áreas verdes públicas entre as cidades de Olinda e Recife.

A escolha do objeto de estudo e da proposta de intervenção aqui propostos se deu pelo reconhecimento da íntima relação se estabeleceu no território do atual Nascedouro entre a natureza, a arquitetura e a comunidade do entorno. Os estudos e a investigação do lugar nos mostraram sua história e dos agentes que dela fizeram (fazem) parte, que passou a ecoar no próprio "espírito do lugar": o poético significado de "nascedouro", lugar onde algo nasceu — o matadouro e a vida que ele trouxe para o bairro, reflete-se também na ideia do que está para nascer. Em movimento cíclico, como a vida, o bairro surgiu com o antigo matadouro; do abatedouro findo, germinou o Nascedouro de cultura. Com um parque a ele associado, poderá reencontrar caminho de volta para o rio, dotando esse lugar de melhor habitabilidade e urbanidade.

O entendimento do lugar é ponto da chave para a concepção do projeto de paisagem especialmente nos contextos de intervenções em áreas

patrimoniais, como é o caso deste trabalho. Lisa Diedrich faz uma discussão precisa sobre esse assunto e argumenta a favor de uma visão pragmática do lugar, que se baseia "no funcionar das coisas, admitindo a presença e a natureza inerente de algo transcendente" (2013, p. 92). Sob essa lente, o lugar é identificado "como uma construção dinâmica relacional" e o projeto não assume nem a visão cientificista do modernismo — através da qual o lugar é visto como uma tela em branco, despido e desprendido de seu contexto e direcionado a um conceito objetivo de "cidade ideal" —, nem o essencialismo museificador — que concede ao lugar "um valor absoluto revelado pelo perito especializado" (DIEDRICH, 2013, p. 92): assume, porém, a visão da transformação — através da qual se foca "mais na criação de novas percepções sobre o existente do que na criação ex nihilo de novos objetos" (DIEDRICH, 2013, p. 97).

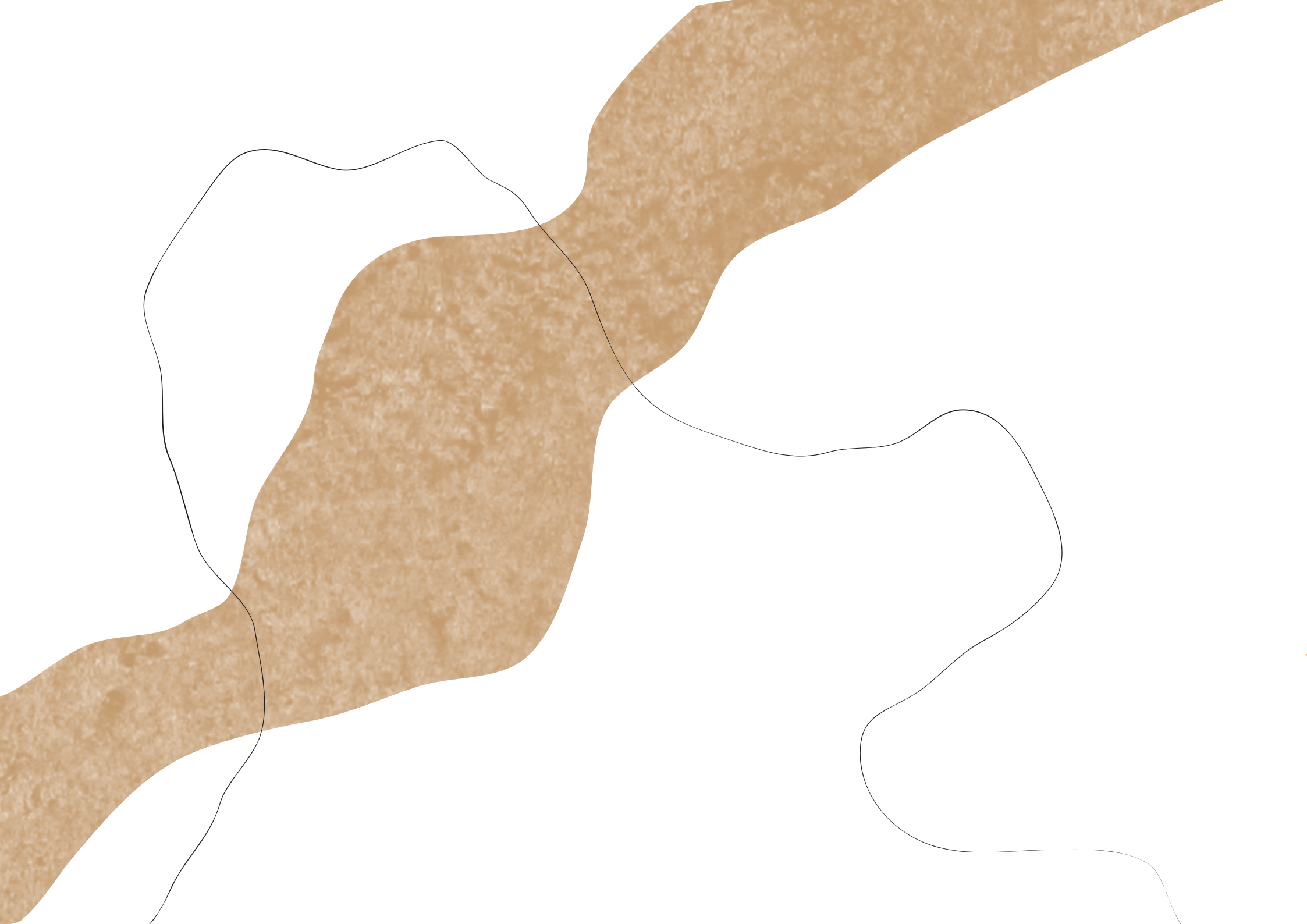
Levantar informações históricas da construção desse lugar, identificar os seus atributos, problemas, demandas e desejos atuais, bem como compreender o contexto e as implicações da legislação urbana e ambiental, constituem-se como desafios para a concepção do projeto de paisagem. Segundo Sá Carneiro (2010), é preciso interpretar a paisagem do sítio onde se vai intervir, considerar os componentes do entorno e suas características físicas e sociais, tarefas que antecedem a construção de um conceito que vai gerar a forma. "São esses aspectos que irão caracterizar a alma ou espírito do lugar, tornando-o específico, único" (SÁ CARNEIRO, 2010, p. 19).

Já que parto do entendimento da paisagem enquanto fenômeno complexo, vivido através da experiência subjetiva, acredito, também, ser válido pontuar as vivências que me motivaram a escolher o Nascedouro como objeto deste estudo e das propostas projetuais nele contidas. Moradora de Peixinhos desde meu nascimento, o Nascedouro sempre fez parte de meu espaço de vida. Convivi com sua presença através do tempo de minha existência, e sua imagem singular na paisagem do bairro sempre me imprimiram curiosidade. O antigo Matadouro fez-se, também, sempre presente na memória de minha família, que, sendo residente antiga de Peixinhos, acompanhou as atividades do matadouro ainda em pleno funcionamento, bem como de todas as várias das demais iniciativas fabris que se instalaram no bairro. Diversos familiares conheceram, conviveram ou eram, eles próprios, funcionários nessas instalações.

Pude, também, experienciar o Nascedouro de cultura em seu funcionamento, assistindo a apresentações que ocorreram em seu interior. O Rio Beberibe, tão próximo e, ainda assim, tão pouco vivenciado no espaço do bairro foi por mim observado tantas vezes nos percursos entre Olinda e Recife, por sobre a ponte que liga as duas cidades — um dos únicos pontos

de encontro do passeio com o rio. A imagem do Nascedouro, constante em minha memória, foi, também, modificada à medida que meu próprio olhar se modificou. Este trabalho permitiu-me analisá-la e destrinchá-la, hoje munida de uma ideia mais consciente do que é a paisagem do Nascedouro e do bairro, olhada por meio das lentes tanto dos processos culturais, sociais e históricas que a moldaram através do tempo, quanto de suas características fenomenológicas.

A "alma ou espírito" de Peixinhos está intimamente relacionada à conservação do antigo Matadouro, hoje um "Nascedouro cultural". Propor um parque contíguo ao Centro Cultural Nascedouro de Peixinhos significa tecer na malha da cidade uma trama que resgate não apenas o simbolismo presente na história do surgimento do bairro – do passado –, mas uma teia que conecte a comunidade a oportunidades futuras: o centro cultural, em si, oferta transformações sociais e educacionais, ao passo que o parque proposto busca a transformação da qualidade urbana na área, ampliando um espaço de lazer, fruição e amenidade em meio à aridez característica do lugar, recuperando o sentido de entrelaçamento da paisagem que une o homem à terra, as pessoas ao seu lugar. Finalmente, a proposta representa a chance de criar uma brecha para o rio Beberibe, para o desfrute da frente d'água sufocada pela ocupação urbana, trazendo também, em sentido contrário, a conexão das águas para o bairro de Peixinhos.



1. transbordando o olhar

A prática do *Projeto de Paisagem* envolve a apreensão do lugar enquanto realidade complexa. É necessário, a princípio, discutir os conceitos de *paisagem* e de *paisagem como projeto*, apresentando as definições e aproximações que irão facilitar a compreensão do lugar onde pretendo intervir e de sua paisagem, para em seguida definir as estratégias para acessá-lo e transformá-lo. Projetar a paisagem é, antes de tudo, deixar-se impregnar pelas coisas do lugar onde se pretende intervir. O olhar que transborda nesse processo passa da paisagem-conceito à paisagem-projeto. Discutir a paisagem como conceito é, por isso, o objetivo principal deste Capítulo. Na Seção 1.1, utilizo Jean-Marc Besse (2014) e suas "Cinco Portas da Paisagem" como principal referência, discutindo desde a paisagem enquanto representação, até a paisagem enquanto projeto.

O texto de Besse discute essencialmente sobre *o que* é a paisagem e sobre as diversas lentes pelas quais ela pode ser experienciada. Na Seção 1.2, utilizo James Corner (1992) como autor fundamental. Corner, em especial, é de extrema importância para a análise do meio que faço no Capítulo 3: ele discute a paisagem enquanto fenômeno complexo, portanto impossível de ser representado em completude. Para isso, propõe categorias fenomenológicas que distinguem o meio da paisagem, que se constituem úteis pontos de partida para se conhecer o lugar de projeto. Por fim, a Seção 1.3 ressoa a ideia do projeto paisagístico enquanto elemento inserido na realidade dinâmica da paisagem projetada, ressaltando-se seu caráter transformador e dialógico. A ideia que fundamenta a discussão é aquela proposta por Lisa Diedrich (2013), de que o projeto deve surgir a partir do descobrimento do lugar.

1.1 da paisagem ao projeto

De acordo com Jean-Marc Besse (2014), a conceituação de paisagem nos tempos atuais se dá de diferentes formas, o que se deve à compartimentação dos distintos campos de estudo que a contemplam. Em sua obra *O gosto do mundo: exercícios de paisagem* (2014), mais especificamente no capítulo *As cinco portas da paisagem: ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas*, o autor explora diversas formas de acessar a paisagem, que ele define como "entradas", e busca seu significado e papel nas culturas modernas, traçando uma caminhada através das diversas nuances que podemos atribuir a ela. As portas para a paisagem são conceitos que, apesar de não se sobreporem, podem facilmente se articular, numa travessia entrelaçada. À medida que as atravessamos, diferentes dimensões são atribuídas à paisagem e a seu papel.

Como *primeira porta*, vemos a paisagem enquanto ***representação***. Neste contexto, a paisagem é observada a partir de um ponto de vista – como em uma pintura – existindo assim, não como uma realidade, mas por meio do ato de apreensão e interpretação do indivíduo sobre o mundo ao seu redor: para ser representada, a paisagem é, antes de tudo, pensada, falada e descrita, estando, assim, sujeita à subjetividade de quem a observa.

Na *segunda porta*, ao se falar da paisagem enquanto ***experiência***, a dimensão espacial – o mundo concreto e material – é considerada: a paisagem aqui é uma realidade concreta. No entanto, ela reside no *acontecimento* do encontro do corpo com o mundo que o cerca, havendo, assim, uma articulação com a dimensão subjetiva da experiência humana. Desta forma, contempla-se a paisagem enquanto mundo percorrível (concreto) e, concomitantemente, dialoga-se com a esfera subjetiva da interpretação do indivíduo: antes, a paisagem estava no indivíduo, ao passo que, agora, o indivíduo está na paisagem. Observamos, então, que a paisagem é *ao mesmo tempo*, diferente, a depender da forma como a acessamos.

Paisagem pode ser definida tanto como representação e experiência quanto como ***território fabricado e habitado***. Esta é a abordagem da *terceira porta*. Com esta definição, é inserida uma dimensão temporal, ao se tornar possível estudar, *através* da paisagem, as marcas feitas na superfície da Terra pelas comunidades humanas que deixam o rastro de sua cultura. Além disso, como travessia para a *quarta porta*, a paisagem pode ser definida, segundo Besse, como um ***meio ambiente material e vivo das sociedades humanas***, que seria uma "totalidade dinâmica" (BESSE, 2014, p. 43) – a soma da presença e atuação humana dentro do contexto natural do mundo, que o autor coloca como uma "[...] realidade sintética [...] onde o homem se naturaliza e a natureza se humaniza" (BESSE, 2014, p. 43).

Jean-Marc Besse apresenta como porta final, a *quinta porta*,

a concepção da paisagem enquanto ***projeto***, aproximação que seria da alçada dos arquitetos paisagistas, cuja função residiria em duas ações: interpretar e modificar o meio da paisagem – considerando o solo, o território e o meio vivo – conceitos já explorados em portas antes atravessadas.

Para o gesto de projetar, o solo representa não apenas o caráter substancial da matéria – uma espécie de alicerce do mundo –, mas também a complexidade histórica das cidades. Como pontuado por Carneiro (2017, p. 78), na acepção utilizada por Besse "o solo não significa uma simples superfície plana, mas uma sobreposição de passados, como um palimpsesto contendo características físicas ou geográficas e também simbólicas, constituindo uma construção histórica". Nas palavras de Besse (2014, p. 58), "os locais têm memória, por assim dizer".

Considerar o território, por sua vez, implica na leitura do espaço urbano, na análise dos caminhos e vias presentes, da morfologia, do padrão de ocupação e do espaço que o circunda. Nesse âmbito, é relevante para o paisagista a consideração das diversas relações do espaço urbano com os elementos que o cercam (o espaço rural) e com os elementos que o compõem (malhas de estradas e caminhos, circunscrições administrativas), bem como das complexas articulações desses elementos, considerando as diferentes escalas que lhes são intrínsecas (BESSE, 2014).

Finalmente, considerar o aspecto do meio vivo equivale a considerar a interação entre o meio construído e a natureza. É importante salientar que a visão hodierna sobre natureza, como pontua Besse, não a contrapõe, antagonicamente, àquilo que é urbano: pelo contrário, a visão que predomina e é compartilhada pelo autor, é a de que o meio vivo se entende como elemento intrínseco da cidade. Em suas palavras (BESSE, 2014, p. 59), "a cidade é hoje um meio natural híbrido, de um tipo particular", o que se dá tanto a partir de preocupações, reflexões e experiências relativas à sustentabilidade e qualidade dos espaços urbanos quanto da existência mesmo de projetos de parques e jardins urbanos – e é nesse sentido que a dimensão do meio vivo deve ser considerada no projeto de paisagem.

Diante da justaposição de conceitos apreendidos no espaço – história, natureza, sociedade, cultura – caberia ao projeto paisagístico "restaurar a base comum e compartilhada [por esses conceitos]: a paisagem" (MAROT, apud BESSE, 2014). O arquiteto da paisagem, então haveria de "criar algo que já está ali" (BESSE, 2014, p.61): ao inventariar os atributos do local, descortina o que já existe no lugar e não se vê, o que se dá a partir do sentimento do local como experiência (CARNEIRO, 2017). Desse modo, os critérios que compõem a lógica do projeto são forjados não à luz de uma suposta verdade – porque "não há projetos verdadeiros e outros falsos"

(BESSE, 2014, p. 61), e, sim, da pertinência ou da conveniência, que são descobertos a partir da experienciação do lugar.

Ressalta-se que, a partir da concepção proposta por Besse, o conceito de paisagem enquanto projeto ganha especial relevância: sob o ponto de vista do paisagismo, para essa porta confluem todas as demais; arte, natureza, experiência e cultura transformam-se, a partir da porta do paisagismo, em elementos fundamentais do projeto de paisagem. Assim, embora a cada porta se inclinem mais ou menos disciplinas específicas, o paisagista, enquanto "operador da complexidade" (BESSE, 2014, p. 64) que é mesmo a paisagem, congrega as visões de todas as portas em seu trabalho. O autor escreve:

> Efetivamente, [o paisagista] (...) está constantemente às voltas com expectativas estéticas (inclusive as próprias) e horizontes morais ou políticos, mas também com as realidades materiais e estruturais específicas das localizações em que intervém, e da mesma forma com os afetos particulares suscitados pela experiência sensível dos lugares em que se encontra (BESSE, 2014, p. 64)

Acrescenta, ainda, que "o paisagista é o principal envolvido nesse conjunto complexo e diversificado de preocupações às quais deve, entretanto, responder e nas quais se inscreve enquanto ator da transformação das realidades territoriais" (BESSE, 2014, p. 64).

Habitar o mundo significa sentir-se parte' do mundo – nos relembra Besse em referência a Jean-Luc Nancy (NANCY, apud BESSE, 2014). A partir dessa reflexão, o autor reforça o papel da experiência no fazer do projeto como efeito da conexão entre ser e estar no mundo, que só é possívela partir do sentir-se pertencente ao e representado pelo lugar em que se vive. Portanto, já que o "horizonte é uma dimensão do nosso estar no mundo" e que o mundo é uma complexa "totalidade inacabável", o paisagista pode ser visto como "o portador do inacabamento, das significações em reserva, dos horizontes espaciais e temporais dentro mesmo da localização, dos futuros" (BESSE, 2014, p. 66).

1.2 do projeto de paisagem

O estudo da paisagem não é restrito apenas a um campo de estudo e atuação, sendo assunto de discussão de disciplinas diversas, cada qual adotando não apenas abordagem e conceituação distintas, mas diferentes formas de representá-la: o trabalho de representação do artista e do poeta, apesar de tratarem da interpretação da paisagem como se vê na primeira porta escrita por Besse (2014), observando-a a partir de um ponto de vista, impregnando-a de subjetividade, criam produtos que diferem inteiramente entre si: um quadro ou gravura ou um poema.

O mesmo sucederia ao comparar o resultado do trabalho do artista com o do arquiteto da paisagem. Ambos produzem uma representação da paisagem através da produção de “imagens". No entanto, enquanto o artista molda sua arte manipulando sua percepção da paisagem, o paisagista deve se ancorar na representação de uma possibilidade – o projeto – para a realidade material – o solo, plantas, água, luz – através de um meio totalmente diferente daquele que compõe o produto final. Em outras palavras, como escreve James Corner (1992), o paisagista representa a paisagem em desenho não como produto final – este seria o espaço projetado e realizado –, mas como meio intermediário e tradutório. O quadro do artista, por outro lado, é seu produto final.

Corner, em seu texto *Representation and landscape* (1992), argumenta que as problemáticas do desenho no contexto do projeto de paisagem residem em três categorias: o acesso indireto do projetista ao meio da paisagem, a incongruência entre o desenho e a vivência real da paisagem e, por fim, a função primária do desenho que é o seu “papel generativo” (CORNER, 1992, p. 3). Deste modo, Corner sugere que devemos nos aprofundar no âmago da paisagem, mas também no âmago do desenho para melhor compreender o projeto de paisagem como uma tradução da paisagem para desenho representativo.

Corner (1992) elenca e discorre sobre as características que distinguem a paisagem da sua representação a partir de características última e definitivamente vinculadas à experiência subjetiva do lugar: a ***espacialidade***, a ***temporalidade*** e a ***materialidade*** e estas são debatidas como categorias fenomenológicas essenciais da paisagem, cuja complexidade — argumenta o autor — não pode ser captada pela representação sem alterações ou reduções. Essas categorias fenomenológicas, bem como sua discussão, constituem uma tentativa de definir paisagem pontuando sua distinção em relação a qualquer tipo de representação abstrata que dela seja feita.

Corner aponta que fenômenos oriundos do meio da paisagem facilmente se perdem no ato da representação técnica necessária para o projeto –

espacialidade, temporalidade e materialidade – uma vez que suas propriedades fenomenológicas representam uma realidade impossível de expressar em desenho:

> The subject in the landscape is a fully enveloped and integral part of spatial, temporal, and material relations, and nothing can reproduce the meaning that comes from this lived experience, no matter how accurate or skillful is the representation in other mediums. (CORNER, James, 1992, p. 6)

A ***espacialidade da paisagem***, diz Corner, é experienciada pelo indivíduo que nela adentra como um entrelaçado de interrelações naturais e culturais que caracterizam o lugar, inundado de características topográficas, geográficas, atmosféricas e lumínicas. A paisagem, assim, "permeia nossa memória e consciência, e enquadra nossa vida diária" (CORNER, 1992, p. 146). A espacialidade é sentida pelo sujeito normalmente a partir de sua imensidão e enormidade, que se refletem no espírito e evocam nele um próprio senso de "imensidão íntima" (CORNER, 1992, p. 146). É a partir do espaço — de como seu contexto geográfica e culturalmente específico molda a experiência do indivíduo que o percorre — que um local se torna um meio de interconexão: um "meio pelo qual a posição das coisas torna-se possível" (MERLEAU-PONTY, apud CORNER, 1992, p. 147).

A ***paisagem é dotada de temporalidade*** porque é algo inerentemente dinâmico, em que diversos fluxos e mudanças se encerram mostrando a passagem do tempo: fluxos de elementos naturais — erosão, deposição, crescimento —, fluxos culturais e de memórias sobrepostas através do processo histórico do lugar. Também, porque o sujeito apreende o significado do espaço na interação entre os elementos externos e internos ao seu próprio corpo e consciência, ao longo do tempo em que percorre o lugar. São predicados da experiência, como relembra Corner a partir de Merleau-Ponty, o onde, o como e o quando. E o tempo surge na experiência da paisagem não a partir de um processo real, mas a partir da relação do sujeito com os elementos do lugar (MERLEAU-PONTY, apud CORNER, 1992).

Por fim, a qualidade sensorial da ***paisagem é percebida a partir da materialidade*** de sua substância. É através do meio material que compõe o espaço que nossos sentidos percebem a paisagem. Sobre esse aspecto, discorre Corner, mais do que os estímulos visuais representados no desenho, a experiência tátil, auditiva, olfativa, textural — sensorial, enfim, advinda do meio que compõe parte fundamental da materialidade da paisagem entendendo-a como "a significância de qualquer coisa [que] circunda e permeia a matéria tangível" (CORNER, 1992, p. 149).

Projeção, notação e representação seriam, então, características distintas do desenho que concernem à arquitetura e ao paisagismo, sendo possível que se explore em cada um deles um potencial mecanismo em favor de uma apresentação do projeto que reconheça – e, de certa forma, denote – a presença do fenômeno que rodeia o meio da paisagem. Sendo domínio do paisagista as relações dos prédios com seus contextos, um de seus objetivos é propor soluções para a reconciliação entre as cidades e a natureza (o meio vivo).

Para além do caráter generativo ao qual Corner primeiramente se refere, é da natureza do projeto de paisagem um aspecto reprodutivo de uma realidade que ainda não existe no mundo concreto. O desenho torna-se, então, parte integral desse projeto e deve trazer consigo as nuances que simbolizam e constituem o plano projetual, ilustrando o concreto da realização e fazendo alusão ao que é subjetivo na paisagem que está sendo projetada. O desenho desdobra-se, pois, na transmissão tanto da ideia quanto da construção da paisagem. Sobre este ponto, vale recordar o que escreve Besse: "projetar é imaginar o real" (BESSE, 2014, p. 60). Nesse sentido, projetar paisagem seria um exercício de projeção e projetação – imaginar e representar.

1.3 o projeto está na paisagem

Motivada pela problemática do projeto de transformação paisagístico-urbanística em áreas patrimoniais portuárias, Lisa Diedrich em seu texto *Da tábula rasa à museificação* (2013) revisa discussões acadêmicas sobre o tema do projeto de paisagem em busca de soluções para integrar conceitos subjetivos à realidade do planejador urbano ou paisagista, visando a se esquivar dos extremos ideológicos da produção modernista, bem como da visão estática de patrimônio que se limitaria apenas a edifícios. Ou seja, os edifícios repousam na paisagem compondo paisagem.

Em alinhamento com os escritos de Besse e Corner, Diedrich discute que o paisagista olha para o lugar não como uma tela em branco, mas como uma realidade dinâmica, que engloba as *ideias externas* contidas no mundo físico lá encontrado e as *ideias internas*, que contemplaria a subjetividade presente na pessoa que projeta, proveniente de convicções, conhecimento, cultura por ela apreendidos (DIEDRICH, 2013, p. 93). Diedrich adota conceitos da acadêmica estadunidense Elizabeth Meyer para discorrer sobre a importância da imersão do paisagista no lugar, contemplando, assim, o projeto como interpretação do lugar. Ou seja, a preexistência – o lugar, a paisagem – deve ser o ponto de partida do ato projetual: "projeto como interpretação do lugar e lugar como programa, não como superfície para o programa" (MEYER apud DIEDRICH 2013, p. 94).

Desta forma, o projeto seria uma proposta de transformação de um lugar específico, buscando nas singularidades lá existentes, a partir da descoberta e experimentação da paisagem ali presente, o que será transformado. Em contraposição ao ato de projetar tendo como objetivo a criação de algo novo, o projeto tomaria a dimensão de transformação de um lugar, a partir do diálogo com aquilo que já existe: intervenções que proporcionem outras maneiras de vivenciar o lugar – criando novas percepções em vez de novos lugares.

Os três autores discutidos neste capítulo ressoam em uníssono a ideia fundamental de que o projeto de Arquitetura da Paisagem deve ser encontrado no lugar, na experiência da paisagem apreendida enquanto fenômeno complexo. Essa apreensão do espaço entendido enquanto experiência deve considerar as interações entre os diversos elementos que compõem a paisagem, como nos diz Besse.

Por outro lado, como aponta Corner, o projeto enquanto representação não pode ser entendido como fim em si mesmo, uma vez que a representação é incongruente com a complexidade do meio que se pretende representar: é preciso imaginar o projeto para, então, a partir da vivência real da paisagem, representá-lo – entendendo que o espaço não é uma tábula rasa e que, portanto, o projeto de paisagem não se deve balizar pela lógica da verdade –

porque não há –, mas sim da pertinência.

Em suma, a experiência da paisagem *transborda* de forma dialógica através da interação entre os elementos apreendidos no espaço – que ultimamente o constituem em sua complexidade – e através de ideias imaginadas pelo projetista de paisagem (fluindo de sua experiência para sua representação e que a representação consiga se aproximar da experiência), que deve compreender fenômenos inerentes à vivência do espaço que se pretende projetar

É precisamente sob essa lente do *transbordamento de ideias* – da visão de que o projeto deve fluir a partir da apreensão do lugar – que a abordagem deste trabalho foi organizada: com o objetivo de descobrir os gestos projetuais pertinentes a partir da apreensão do espaço em questão – o Nascedouro de Peixinhos –, compreendido a partir de seus aspectos históricos, culturais, geográficos, ambientais, sociodemográficos e jurídico-administrativos. Somente compreendendo-se o lugar é possível modificá-lo de modo a fazê-lo ter sentido para quem se vai projetar. Esses diversos aspectos são discutidos, no contexto do Nascedouro de Peixinhos, no Capítulo 2.

Especificamente, as categorias fenomenológicas — espacialidade, temporalidade e materialidade — propostas por Corner (1992) são utilizadas como conceitos a partir dos quais é feita a análise do lugar. Embora originalmente empregadas por Corner no contexto de sua investigação sobre o que é paisagem, as categorias fenomenológicas propostas por ele são úteis como ponto de partida para entender o lugar do projeto na sua complexidade — passo primordial no processo do projeto, uma vez que o projetista deve buscar o próprio lugar, em vez de sua representação, como último objetivo.

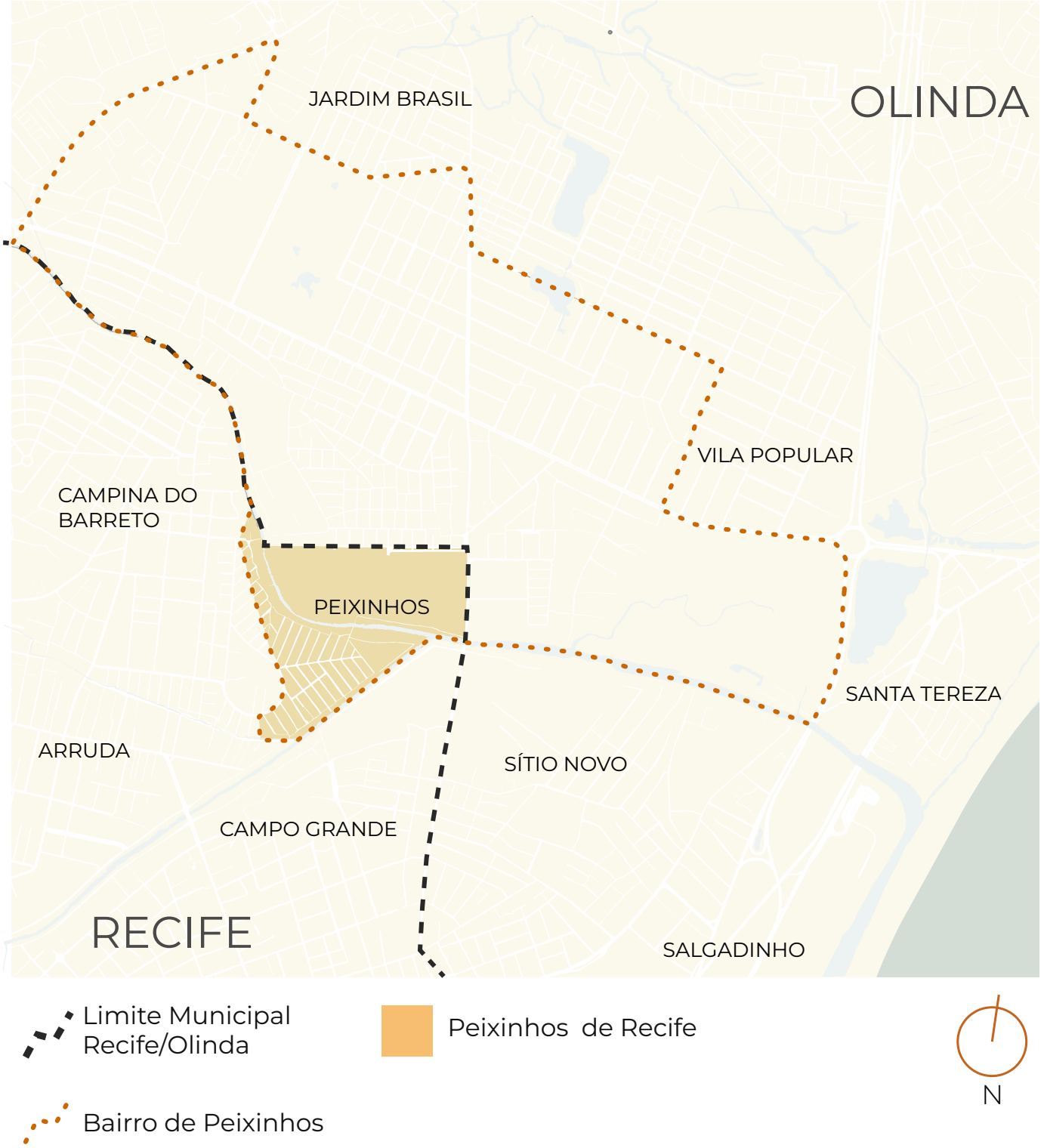
2 vislumbrando o território

2. vislumbrando o território

2.1 O bairro de Peixinhos, lugar de um matadouro

De acordo com Souza (2011), o engenho de açúcar, no entanto, estaria com suas atividades encerradas já no período da invasão holandesa em Pernambuco e é provável que o terreno tenha sido ocupado por posseiros que começaram extrair o calcário presente no solo, dando ao lugar o nome de Engenho Forno da Cal. Essas terras, mostradas na Figura 2, seriam, posteriormente, aforadas em 1856 pelo inglês Henry Gibson e, finalmente, em 1904 pelo engenheiro José Antônio de Almeida Pernambuco (MENEZES, 1988 apud SOUZA, 2011).

O Rio Beberibe e suas margens, repletas de vegetação, revelam-se como a natureza presente na história do bairro de Peixinhos. Não como pano de fundo, mas como uma nascente de vida, condicionante para a ocupação da área que possibilitou sua ocupação. Foi do Beberibe, no engenho Nossa Senhora da Ajuda onde hoje se encontra o bairro, que se iniciou a retirada de água para abastecer Olinda. Posteriormente, o manancial do rio forneceria água também para Recife. Havia, também, o trânsito de canoas em seu curso, que transportavam água, mercadoria, materiais de construção e pessoas (CAMPOS, 2008).



[Figura 1] Mapa de locação dos bairros de Peixinhos nas cidades de Olinda e Recife.

[Figura 2] Planta de 1875, mostrando a localização do povoado de Peixinho e do Engenho Forno da Cal. fonte: vozesdazonanorte.blogspot.com/

É válido que se ressalte a importância dos rios na formação econômica e social, bem como no padrão de ocupação do território pernambucano – e, de fato, nordestino – em seus primeiros séculos de colonização. A este respeito, Gilberto Freyre (2013) escreve mais de uma vez em várias de suas publicações. Relata, por exemplo, o prestígio retido pelo tráfego fluvial ao escrever:

> As boas casas-grandes [...] foram edifícios levantados com a frente para o rio; com a face para a água; as melhores escadas das casas descendo até às canoas e aos botes. [...] Iam de canoa fazer visitas. O rio era honrado. Preferia-se a sua água aos caminhos cheios de poeira e de lama. (FREYRE, 2013. p. 56)

Em outro momento, ressalta o uso do rio para o trabalho:

> Rios do tipo do Beberibe, do Jaboatão, do Una, do Serinhaém, do Tambaí, do Tibiri, do Ipojuca, do Pacatuba, do Itapuá. Junto deles e dos riachos das terras de massapê se instalaram confiantes os primeiros engenhos. Rios às vezes feios e barrentos, mas quase sempre bons e serviçais, prestando-se até a lavar os pratos das cozinhas das casas-grandes e as panelas dos mucambos (FREYRE, 2013. p. 53)

Hoje, o território de Peixinhos compreende, na verdade, dois bairros: um Peixinhos de Recife, outro de Olinda. O Rio Beberibe atravessa o primeiro

[Figura 3] Fotografia antiga do matadouro. Fonte: Biblioteca Municipal de Olinda

[Figura 4] Fotografia de lavadeiras à margem do beberibe, 1927. Fonte: Biblioteca Municipal de Olinda

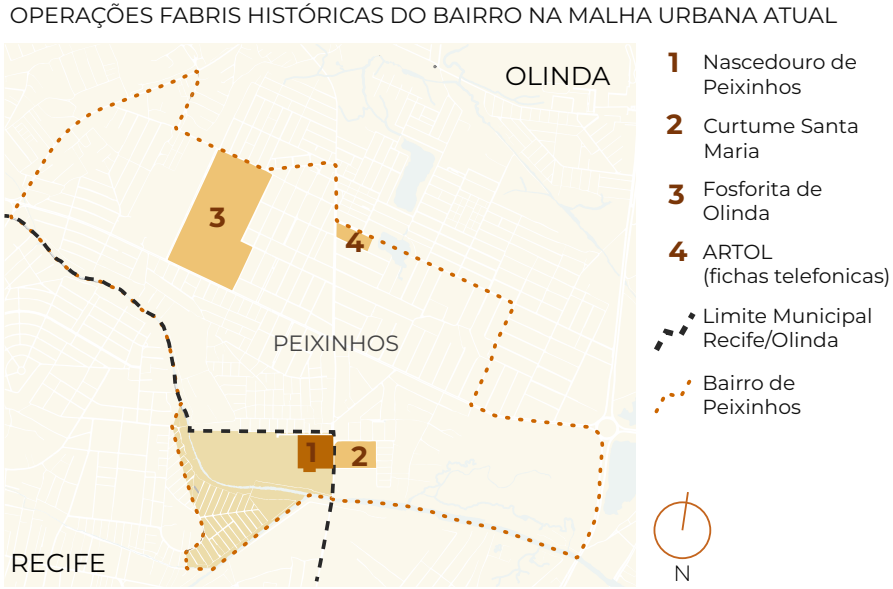
e corre, em longo trajeto, nas bordas do segundo, como ilustra a Figura 1. De águas cristalinas, o peixe existia em abundância.

Por causa disso, segundo De Paula (1999), o Beberibe era comumente chamado de “rio dos peixinhos”. Disso, também, possivelmente deriva o nome do bairro que ali iria ser fundado.

Para uma pequena comunidade ribeirinha de pescadores, lavadeiras (Figura 03), cozinheiras e canoeiros, o Beberibe oferecia em seu curso oportunidade para a sobrevivência. Segundo De Paula (1999), os integrantes dessa comunidade eram também frequentemente chamados de “peixinhos” — em alusão a sua interdependência com o rio. O curso do Beberibe, em suma, costurou as identidades dessa comunidade e de seu território.

A presença do Beberibe, mais tarde, seria condição importante na escolha do local para a implantação do Matadouro Municipal (Figura 03), que foi estabelecido no “bairro dos peixinhos” após a desativação de um matadouro que funcionava no Cabanga. A instalação do Matadouro Municipal de Peixinhos, cuja construção se deu entre 1874 e 1916, fomentou a consolidação do bairro, ao se tornar ponto de gravidade para uma massa de operários que se estabeleceu em suas proximidades, atraída pela demanda de mão de obra relacionada às atividades fabris.

[Figura 5] Fotocolagem “paisagem industrial em Peixinhos”. Fonte: da autora, 2022



[Figura 6] Mapa das operações fabris históricas de Peixinhos. Fonte: da autora, 2023

O status de bairro operário foi se consolidando ao longo dos anos, com o assentamento de mais plantas fabris (ver Figura 05): o Curtume Santa Maria, instalado bem ao lado do matadouro, comprava o couro dos animais abatidos para a curtição; a Fosforita de Olinda, que perfurava o solo, criando grandes fossos - marcas que ainda existem - para extrair fosfato e a Artol, com suas caldeiras, onde eram fabricadas fichas telefônicas. A presença da atividade industrial ainda paira sobre a paisagem do bairro, nas marcas que deixou na terra, no horizonte e na história das pessoas.

Por mais de meio século, o matadouro funcionou no bairro de Peixinhos e suas atividades se entrelaçavam com o cotidiano do bairro. Havia uma população carente que era beneficiada com sobras de carne doadas ou vendidas por um valor acessível, como de fato, mostra D. Zuleide de Paula, moradora antiga do bairro e autora do livro "*Peixinhos: um rio por onde navegam um povo e suas histórias*". A antiga moradora relata:

> No Matadouro trabalhavam homem, mulher, jovem e criança [...] ninguém ficava na rua por falta do que fazer. [...] nada se jogava fora, tudo era aproveitado, desde o couro que era vendido ao Curtume Santa Maria, ao chifre [...] A Beliscada era uma espécie de mercadinho de carnes onde tudo era mais barato. [...] Tudo por preços que todos podiam comprar (DE PAULA, 1999, p.19)

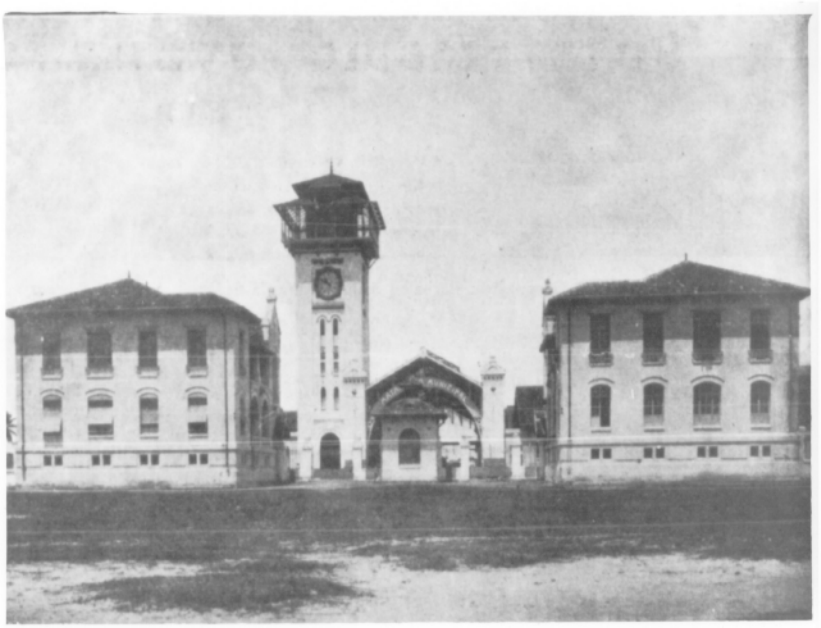
As boas coisas trazidas pela presença das fábricas, no entanto, não ofuscam o que houve de nocivo, principalmente quanto à mácula da própria natureza do que seja o processo fabril, ainda que oferecesse oportunidades. O despejo de dejetos no Beberibe tornou o rio impróprio para a pesca – logo a pesca de peixes que deu origem ao nome do bairro – e para quaisquer outras atividades. Além disso, havia a fumaça das chaminés que manchava o horizonte e poluía o ar. Sabe-se também que muitos faleceram nas "lagoas" profundas da extração de fosfato, atividade frequente decorrente da Fosforita. Antônio de Almeida Pernambuco lucrou com a terra, alugando terrenos aforados a ele àqueles que se mudavam para a região em busca de trabalho (SOUZA, 2011); a Fosforita de Olinda indenizou quantias ínfimas para desocupar domicílios e, posteriormente, perfurar o solo. É o que conta D. Zuleide de Paula quando escreve a este respeito:

> E assim a cada semana casas iam ao chão e os seus proprietários, com o dinheirinho na mão, ficavam sem saber para onde ir. Tratores e dragas enormes chegaram para as escavações. (PAULA, 1999, p. 25).

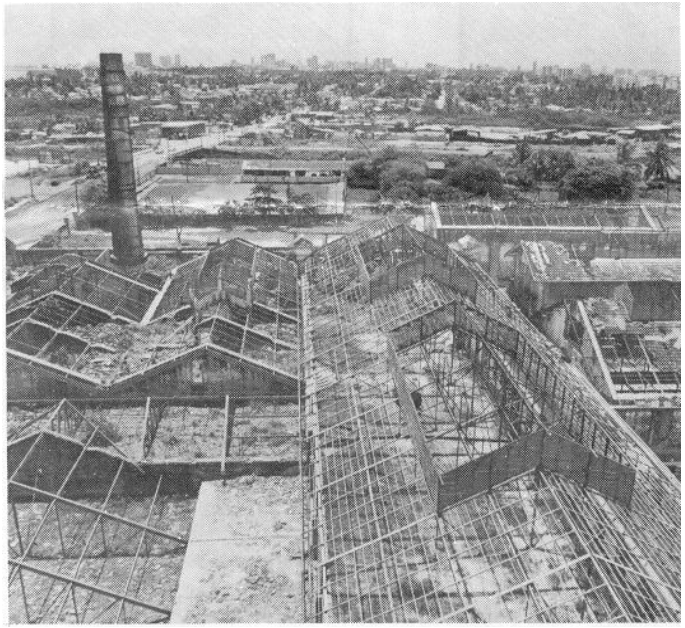
2.2 o matadouro de Peixinhos

As obras de construção do Matadouro Municipal de Peixinhos foram iniciadas em 1874, tendo seu projeto sido elaborado pelo engenheiro pernambucano Joaquim José de Almeida Pernambuco, responsável também pelo prédio da Faculdade de Direito de Pernambuco. Finalizado em 1919, o matadouro recebeu modernas estruturas metálicas para as cobertas, que foram combinadas com uma arquitetura eclética de blocos de alvenaria, mais comum para a época, e recebeu diversas partes que foram importadas da Europa: telhas cerâmicas, azulejos biselados (figura 07) e pisos diversos são exemplos de materiais trazidos para a construção, além das estruturas metálicas presentes nas cobertas e passarelas do conjunto[1].

Construído em uma extensão de terreno de aproximados 44.992 m², localizado onde hoje é a esquina da Av. Brasília com a Av. Antônio da Costa Azevedo, próximo ao delta do rio Beberibe, o matadouro consistia de edifícios distribuídos ao longo de um eixo principal coberto por uma grande estrutura metálica, sob a qual terminava uma linha férrea (ver Figura 13), onde bondes elétricos chegavam e partiam devidamente carregados de mercadorias e insumos.



[Figura 7] Fotografia da fachada principado matadouro de Peixinhos Fonte: FUNDAJ, 2021

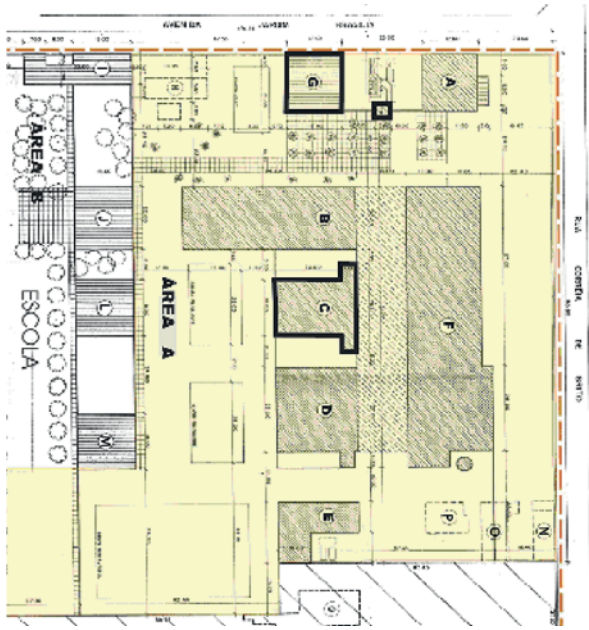


[Figura 8] Cobertas destelhadas do matadouro, evidenciando a utilização do ferro. Fonte: FIDEM, 2021

[Figura 9] Azulejo na fachada do bloco G. Fonte:da autora, 2022

[Figura 10] Fachada do matadouro. Fonte:FIDEM, 2021

[Figura 11] Torre do relógio. Fonte: FIDEM, 2021



[Figura 12] Planta da disposição dos blocos originais. Fonte:FIDEM, 2021

Formado originalmente por 15 blocos[1] (ver Figura 9), dentre os quais estão quatro edifícios que formam a Escola Municipal Monteiro Lobato. Entre os demais edifícios eram divididas funções de administração, moradia do encarregado pela operação, laboratório, abate dos animais – em maioria gado – processamento de carne, couro e ossos, armazenamento e queima dos ossos e restos.

Após o encerramento da operação, o conjunto do matadouro, devido à não utilização e ao mau resguardo dos edifícios e do terreno, sofreu grande deterioração, causada pela ação do tempo, mas também pelo saque de peças como ferragens, esquadrias, azulejos e tijolos, na maior parte das vezes, praticado por pessoas moradoras das redondezas. Há relatos de violência, desova de corpos e comércio ilegal de drogas no local (MACHADO, 2003), o que consolidou o estigma de local perigoso para a área. Diante dessa realidade, agentes da comunidade local passaram a cobrar dos governantes soluções para a calamidade instalada, este papel de cobrança e apropriação (Figuras 16 e 17) da comunidade local foi de grande importância para a criação do Nascedouro.

Em junho de 1980, o conjunto do matadouro teve seu valor como patrimônio cultural reconhecido, ao ser incluído na legislação municipal de Preservação dos Sítios Históricos do Recife (decreto nº 11.616)[1]. Desde 1996, o conjunto construído e área adjacente são salvaguardados pela classificação como ZEPH (Zona Especial de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural) na Legislação de Uso e Ocupação do Solo da cidade do Recife. Em 1982 foi instalado o primeiro programa de desenvolvimento social no local: o Centro Social Urbano – programa da Prefeitura do Recife.

Os grupos sociais e culturais que tiveram papel de peso no processo de retomada que foi a conversão do matadouro abandonado para um Nascedouro de cultura foram catalogados pela FIDEM (MACHADO, 2003). Iniciativas para oferecer cultura, educação e ocupação para a juventude periférica, como o Balé Afro Majê Molê, a Biblioteca Multicultural Nascedouro, Grupo Comunidade Assumindo suas Crianças e o Movimento Boca do Lixo. Outros movimentos buscam a melhoria da qualidade de vida dos moradores como o Grupo da Terceira Idade, Grupo Saúde Condor Cabo Gato e o Grupo Alcoólicos Anônimos. No período da inauguração do CSU, os grupos comunitários passam a ocupar os edifícios do matadouro para realização de atividades.

Por fim, graças à ação da comunidade local, endossada pela Prefeitura, dá-se início a uma transformação do espaço do Matadouro – agora banhado em nova atmosfera, que passa a ser chamado de Nascedouro.

[Figura 13] mutirão de organização para a inauguração da Biblioteca Multicultural Nascedouro em um prédio abandonado no antigo Matadouro de Peixinhos, 2000. Fonte: https://movimentobocalixo.wordpress.com/

[Figura 15] Brincadeira de Roda durante os encontros do Proj. Ouvir, Ler e Contar Histórias na Biblioteca Multicultural Nascedouro,2012. Fonte: https://movimentobocalixo.wordpress.com/

[Figura 14] mutirão de organização para a inauguração da Biblioteca Multicultural Nascedouro em um prédio abandonado no antigo Matadouro de Peixinhos, 2000. https://movimentobocalixo.wordpress.com/

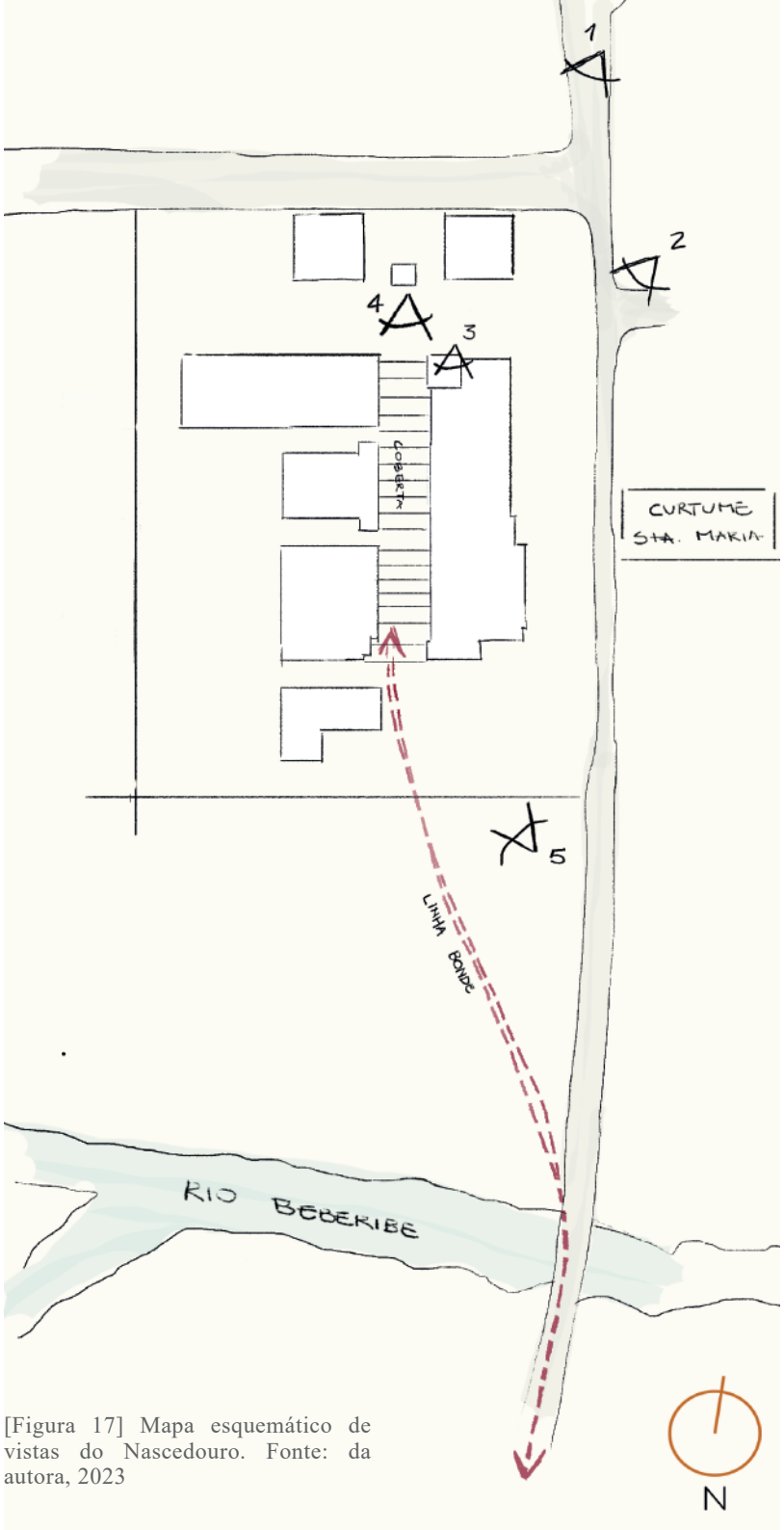
[Figura 16] Grupo de teatro feminista "Loucas de Pedra Lilás". 6º Semana de Cultura de Peixinhos nas ruínas do Antigo Matadouro, 2000. Fonte: https://movimentobocalixo.wordpress.com/

NASCEDOURO

Essa terra banhada
em sangue de animais
e suor de homens,
não será mais matadouro
posto que doravante
será o nascedouro
da cultura popular

Não mais a morte
Nem violência
Sim a alegria das crianças
Cantando e dançando.
A perspicácia
dos artistas jovens
e a esperança
dos velhos artistas

(Oriosvaldo Limeira de Almeida. In. DE PAULA, 1999, p. 56)



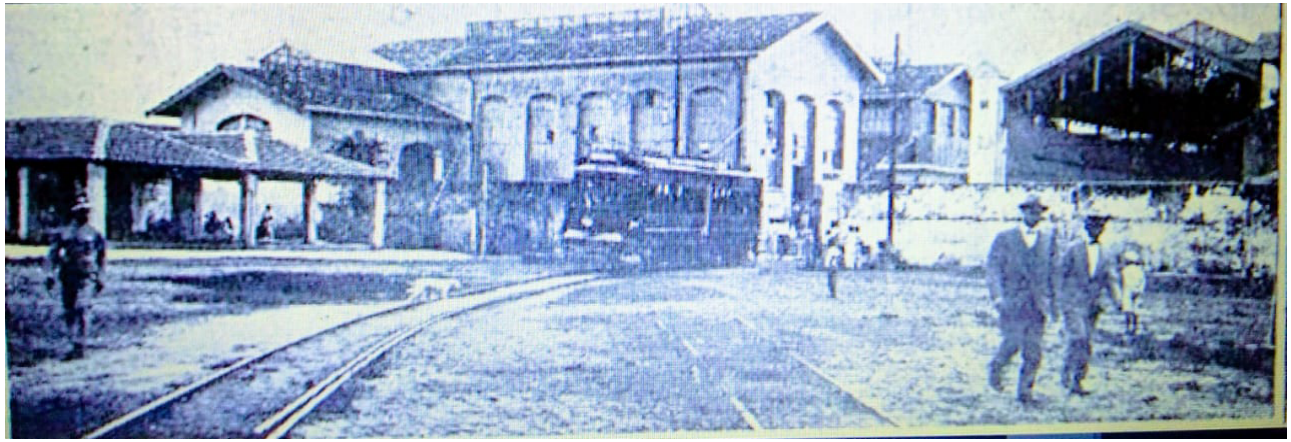
[Figura 17] Mapa esquemático de vistas do Nascedouro. Fonte: da autora, 2023

[Figura 18] Vista 1. Eixo central coberto. Fonte: FIDEM, 2021

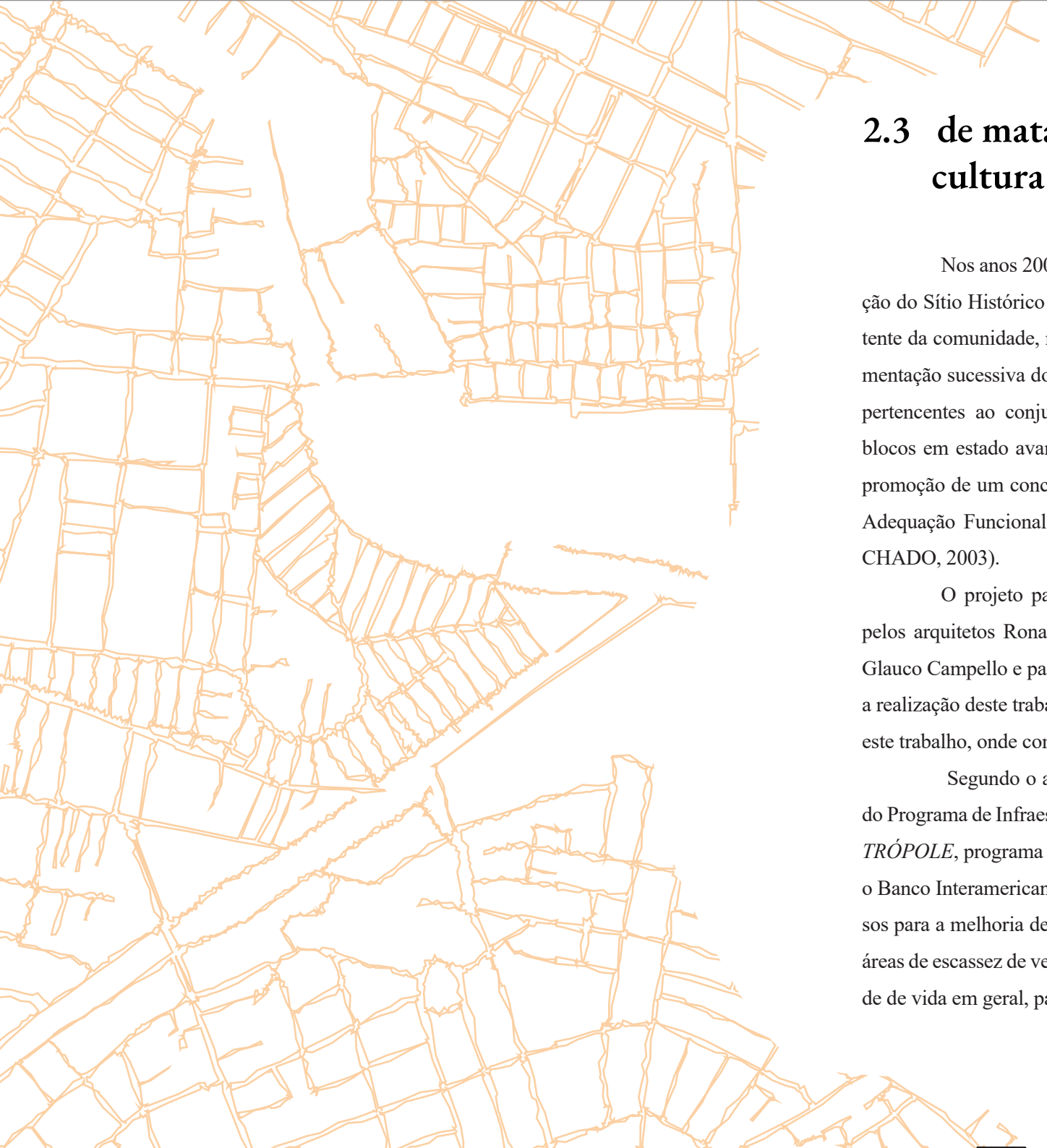
[Figura 18] Vista 1. Eixo central coberto. Fonte: FIDEM, 2021

[Figura 20] Vista 3. Fachada do matadouro. Fonte: Biblioteca Municipal de Olinda, 2021.

[Figura 21] Vista 4. Torre do relógio. Fonte: URB, 2021.



[Figura 22] Vista 5. Fachada posterior do matadouro, destaque para o bonde e os trilhos. Fonte: URB, 2021.

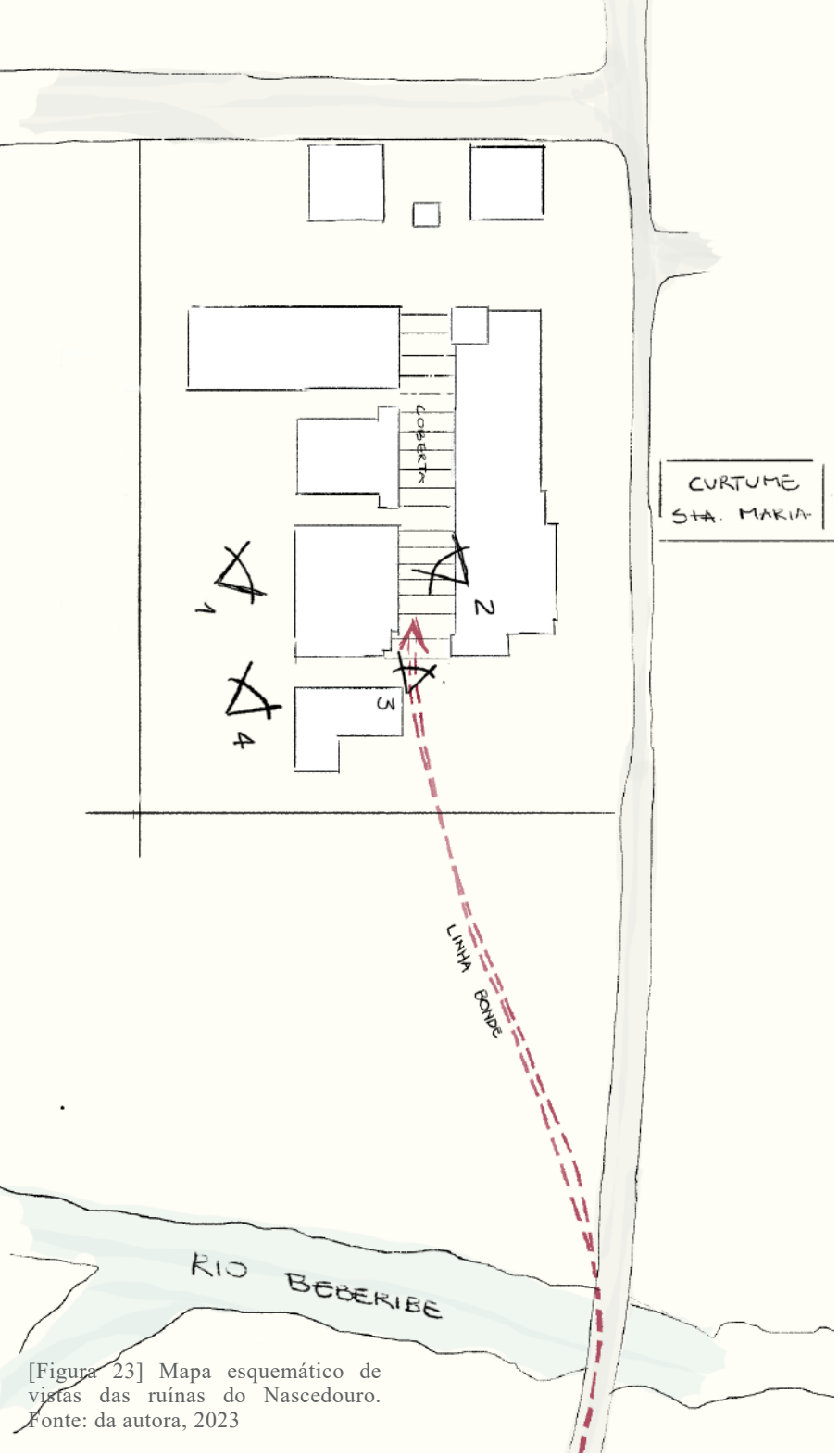


2.3 de matadouro a nascedouro de cultura

Nos anos 2000 foram retomados os esforços para o restauro e utilização do Sítio Histórico Matadouro de Peixinhos. Apesar da permanência resistente da comunidade, no período entre a desativação do matadouro e a implementação sucessiva dos programas sociais a integridade física das edificações pertencentes ao conjunto tombado foi grandemente comprometida, alguns blocos em estado avançado de arruinamento (Figuras 22 a 26), motivando a promoção de um concurso para a elaboração de um projeto de Restauração e Adequação Funcional do Sítio Histórico do Matadouro de Peixinhos (MACHADO, 2003).

O projeto para o Nascedouro foi apresentado em 2003, elaborado pelos arquitetos Ronaldo L'Amour e Felipe Campello, com participação de Glauco Campello e paisagismo assinado por Luiz Vieira e servirá de base para a realização deste trabalho. L'Amour se dispôs a dar uma breve entrevista para este trabalho, onde compartilhou importantes informações sobre o projeto.

Segundo o arquiteto, o projeto de restauro do Nascedouro fez parte do Programa de Infraestrutura em Áreas de Baixa Renda da RMR, ou *PROMETRÓPOLE*, programa do Governo do Estado de Pernambuco em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que buscou aplicar recursos para a melhoria de comunidades carentes na região da Bacia do Beberibe, áreas de escassez de vegetação, áreas de lazer, infraestrutura e de baixa qualidade de vida em geral, para combater a pobreza através da requalificação urbana.



[Figura 23] Mapa esquemático de vistas das ruínas do Nascedouro. Fonte: da autora, 2023

[Figura 24] Blocos C, D e E. Fonte: da autora, 2023

[Figura 25] Blocos F visto do eixo central. Fonte: da autora, 2023

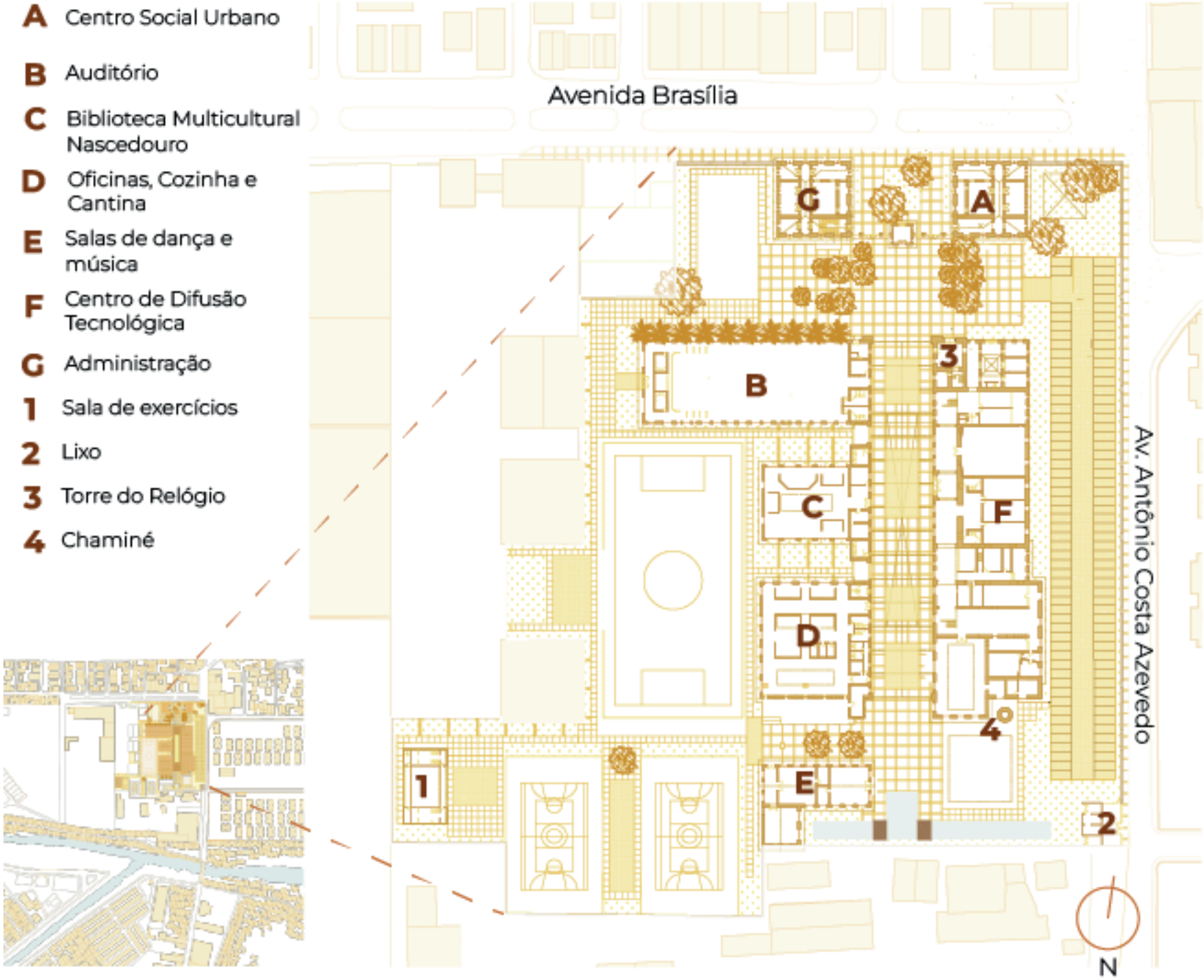
[Figura 26] Blocos B(restaurado), C, D e F. 2010 Fonte: Jornal do Commercio. Disponível em: www.jc.ne10.uol.com.br

[Figura 26] Blocos arruinados C e D 2010 Fonte: Jornal do Commercio. Disponível em: www.jc.ne10.uol.com.br

Após a inauguração do Centro Social Urbano, ao longo do tempo foram sendo implementados outros programas sociais ao espaço do Nascedouro: o Centro Cultural e Desportivo Nascedouro de Peixinhos foi inaugurado em 2006; o CTCD, o *Centro Tecnológico de Cultura Digital*, gerido pelo ITEP, *Instituto de Tecnologia do Estado de Pernambuco*, foi instalado em 2008, além de outros programas menores, como o Refinaria Cultural.

Em suma, o Nascedouro foi transformado em um polo comunitário, social e educacional e o programa do projeto manteve em vista para além do restauro dos edifícios, a sua adequação às necessidades dos programas implementados pelo poder público. L'Amour relatou que o programa foi delimitado levando em conta os *desejos da comunidade e dos grupos sociais presentes na área*, exemplo disso é a permanência e reforma da Biblioteca Multicultural Nascedouro, inicialmente fundada pela comunidade.

Constam os oito blocos de edificações históricas do matadouro no projeto, alinhados paralelos a um eixo central coberto. A coberta em si, os perfis metálicos, telhas cerâmicas e claraboias, marca importante do conjunto arquitetônico e da arquitetura da época, é um elemento a ser restaurado, bem como o mirante, similarmente composto por perfis metálicos importados, que coroa a torre do relógio, que, por sua vez, juntamente com a grande chaminé na parte posterior do conjunto, marca não apenas a arquitetura, mas a paisagem – o horizonte – do bairro.



[Figura 27] Esquema da planta do projeto de restauro. Fonte: da autora, 2023.

Chamados por blocos A, B, C, D, E, E e G (Figura 27), os edifícios do Nascedouro foram acrescidos de dois anexos de apoio: sala de exercícios (1) e depósito de lixo (2). O programa foi distribuído nas construções restauradas da seguinte forma: O Centro Social Urbano concentra-se no bloco G que, juntamente com o bloco A e a portaria, compõem o acesso ao centro pela Av, Brasília. O bloco B, adornado por palmeiras, corresponde ao auditório/teatro, enquanto o bloco C abriga a Biblioteca Multicultural.

No bloco D estão as oficinas, cantina e cozinha, que, segundo L'Amour, tinha o objetivo de ser uma operação profissionalizante, onde os alunos aprenderiam a cozinhar em uma cozinha comercial e obteriam experiência profissional trabalhando no restaurante. Os balés afro e escolas de percussão da comunidade seriam alocados no bloco E, que aloja as salas de dança e música.

Por fim, o bloco F, o de maior área, seria composto pela torre do relógio, administração e diretoria, um pequeno auditório, salas de aula, informática e reunião, além de um pequeno museu. Na área externa, foi proposta uma revitalização, além da instalação de quadras poliesportivas e com campinho e um campinho de futebol (ver imagem 27).

As obras de restauro foram iniciadas, porém foram encerradas pela metade (Figura 28). Apenas dos blocos A, B, G, parte do bloco F (incluindo a torre do relógio, mas não seu mirante) e parte do paisagismo foram concretizados. No entanto, para fins deste trabalho, a proposta será considerada em sua totalidade. Quaisquer ajustes serão feitos como sugestão, tendo em vista propor a concepção de um parque adjacente ao centro cultural do Nascedouro e, portanto, complementar ao projeto apresentado.

[Figura 28] Esquema da planta do projeto de resturo, em destaque a área realizada do projeto e, ao lado, comparação com imagem se satélite. Fonte: da autora, 2023.

2.4 entre duas cidades, a legislação que incide e condiciona

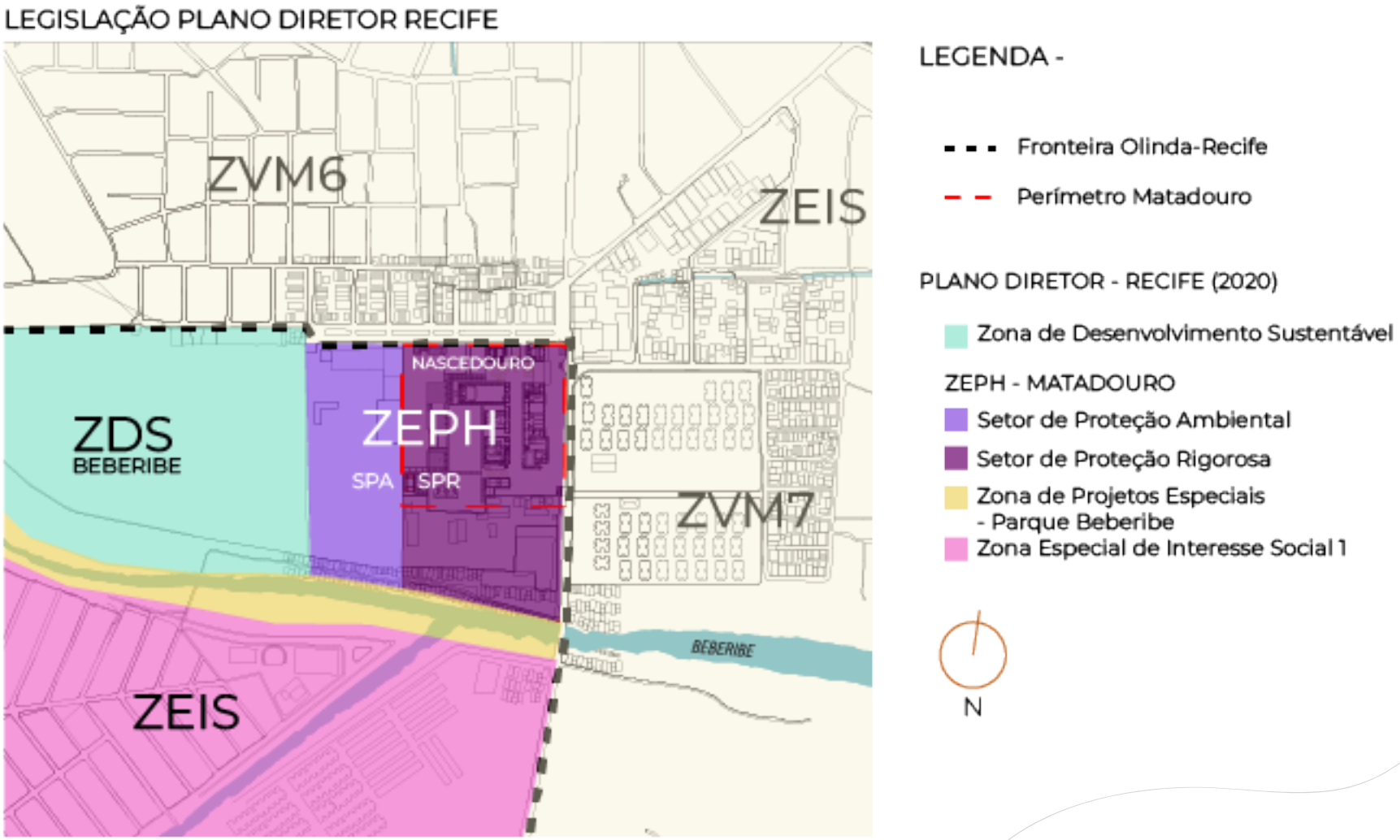
O bairro de Peixinhos é atravessado pela linha de fronteira entre as cidades de Olinda e Recife. Por esse motivo, visando a uma compreensão mais completa da área de estudo, para fins da análise dos aspectos jurídico-administrativos que concernem a este projeto, serão consideradas as duas legislações pertinentes à totalidade da extensão do bairro. Isso se dá porque um conceito-guia para a fundamentação deste trabalho é o de transbordamento dos efeitos do projeto para além da área na qual o Nascedouro está circunscrito. Nesse sentido, entender os aspectos legais de áreas contíguas ao Nascedouro permite a identificação de potenciais de reverberação dos efeitos pretendidos pelo projeto aqui apresentado, entendendo-se que tais aspectos legais exercem, também, grande influência e impacto nas decisões de planejamento para o lugar estudado.

Em suma, foram consultadas leis vigentes em Recife e em Olinda, sem perder de vista, na acepção proposta por Kahn e Burns (2005 apud DIEDRICH, 2013), a necessidade de definir o lugar em projeto - a sua área de controle, que no caso em questão deste trabalho é o Nascedouro de Peixinhos. Para todos os efeitos, obedecendo os limites legais da divisa entre cidades, está localizado na cidade do Recife, na costura com a cidade de Olinda. Mas, também, compreendendo que áreas de influência e de efeito – muitas das quais encontram-se sob a jurisdição de Olinda – são fundamentais para o embasamento do projeto.

Em Recife, em concordância com a Lei de Uso e Ocupação do Solo, presente no Plano Diretor 2020 (RECIFE, 2022), vide Decreto nº 36073/2022,

Peixinhos está localizado na chamada Macrozona do Ambiente Natural e Cultural (MANC), mais especificamente em uma Zona de Desenvolvimento Sustentável (ZDS), a ZDS Beberibe. A MANC trata-se de um conjunto de setores da cidade do Recife caracterizados "pela presença de maciços vegetais preservados, das águas, e do patrimônio histórico e cultural como elemento estruturador do território" (RECIFE. 20). A inserção dessa área na Macrozona de Ambientes Naturais, diz respeito à sua condição de localização, por estar na borda do Rio Beberibe, um dos eixos de proteção da vegetação ribeirinha definidos no Plano Diretor de 2008. Por sua vez, as ZDS ocorrem em locais da cidade os quais sofrem "influência da rede hídrica principal e secundária que penetra no espaço urbano do Recife" (RECIFE. p. 22) e são definidas com o objetivo de garantir o equilíbrio urbanístico-ambiental da área e a preservação dos recursos naturais e do patrimônio cultural.

É possível perceber que a legislação da Prefeitura da Cidade do Recife (Figura 18) nesta área está fortemente ancorada na presença do rio Beberibe e do conjunto de edifícios do antigo Matadouro. Classificado como ZEPH 30 (Matadouro de Peixinhos), o terreno da antiga fábrica está no SPR (Setor de Proteção Rigorosa) e a área imediatamente ao lado no SPA (Setor de Proteção Ambiental). A presença deste zoneamento possibilita a salvaguarda do patrimônio histórico através da elaboração de parâmetros específicos para a intervenção dentro dos setores. Com efeito, no que se refere à ZEPH Matadouro de Peixinhos, lê-se no texto da Lei de Uso e Ocupação do Solo:



[Figura 29] Legislação de Uso do Solo do Município do Recife. Fonte: da autora, 2023.

> A área do antigo Matadouro de Peixinhos é a única ao norte do Rio Beberibe que faz parte do território do Recife, e não do município de Olinda. Assim, por identificar que esse pequeno trecho de cidade pode ser visto como uma única ambiência, propõe-se ampliar o SPA para incluir os demais lotes da área, com toda a frente d'água (RECIFE, 1996, p. 30).

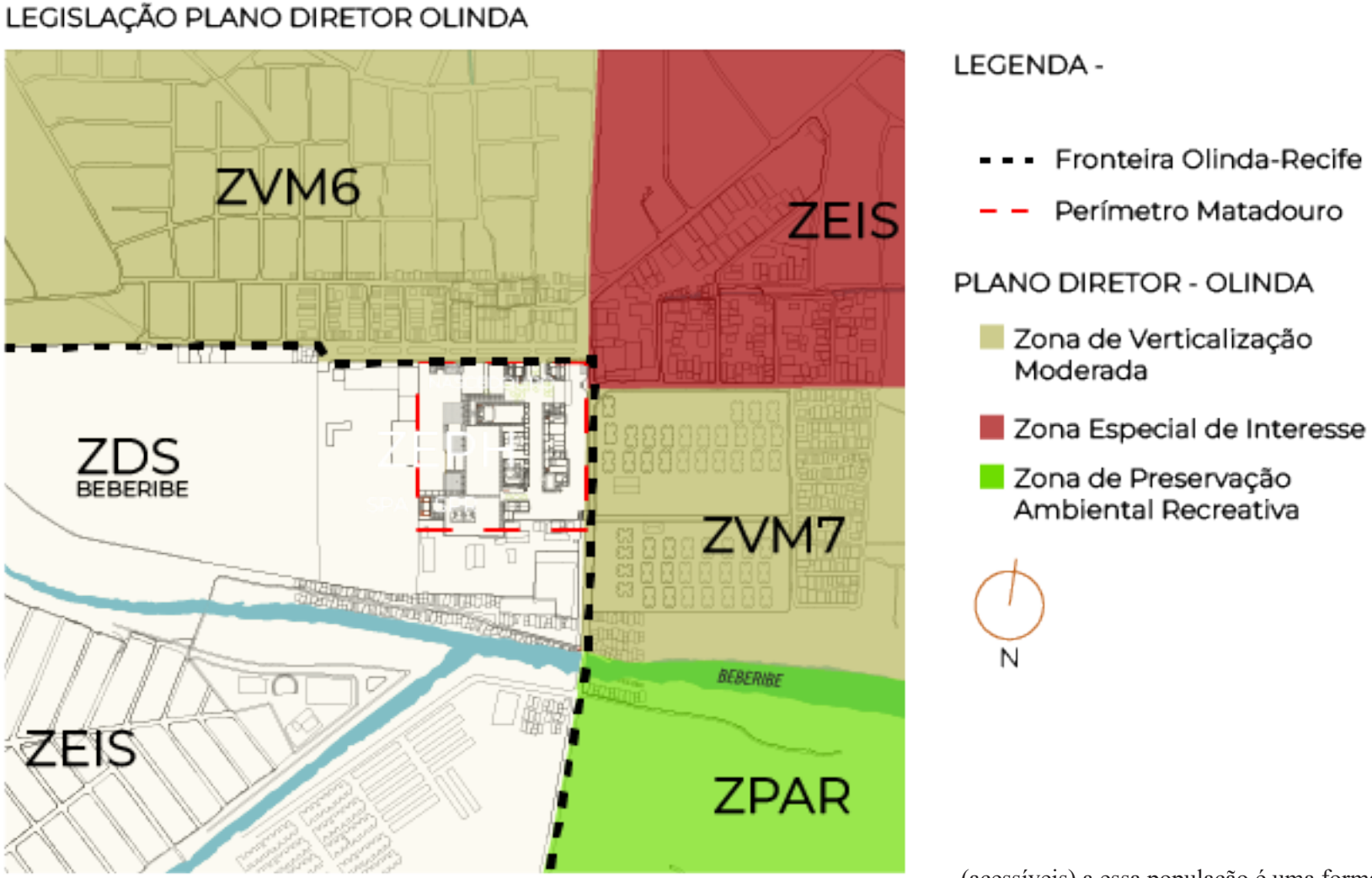
Por sua vez, também é patrimônio natural, por estar na Macrozona do Rio Beberibe. A Zona de Projetos Especiais Parque Beberibe (Figura 22), diz respeito às intervenções de requalificação urbana e a inclusão socioespacial, por meio do estímulo a atividades de comércio e serviços relacionados à cultura, turismo e lazer. Esta zona prevê a recuperação do perímetro de conservação ambiental das margens do rio e a melhoria de sistemas infra estruturais como de saneamento e acessibilidade urbana, além da transformação da relação entre cidade e frente d'água, a partir da formação de corredores ecológicos urbanos. Há que destacar (ver Figura 22), ainda, a interseção entre as Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), – marcadas em rosa – Campo Grande e Ilha do Joaneiro e o bairro de Peixinhos. Essas ZEIS consistem, ainda, em boa parte dos bairros vizinhos.

Em Olinda, dentro do perímetro do bairro de Peixinhos encontra-se a ZEIS Azeitona, uma das três presentes no município. As ZEIS consistem em áreas de assentamento de população de baixa renda consolidado pelo poder público onde há possibilidade de urbanização e regularização fundiária e sua concepção mira em proporcionar a permanência da comunidade em seu local de habitação.

De todas as zonas estabelecidas pela Lei de Uso e Ocupação do Solo do Município de Olinda (Figura 19), destaca-se para os fins deste estudo, a ZPAR (Zona de Preservação Ambiental Recreativa), marcada em verde, que propõe a proteção das poucas áreas de aglomerações vegetais no bairro, à beira do rio, ressaltando o potencial para implementação de equipamentos recreativos a serem oferecidos para a população e oferecendo, desta forma, um mecanismo interessante para a implementação de áreas livres e praças públicas no bairro, que hoje não possui tal oferta.

Em conclusão, as diretrizes que os Planos Diretores de Recife e de Olinda (respectivamente, Figuras 22 e 23) reservam para o bairro de Peixinhos, em ambos os casos, estão em alinhamento no tocante a intervenções de caráter recreativo, cultural e educacional, que têm, em conjunto, capacidade de auxiliar uma melhoria da qualidade urbana da área de interesse. Especialmente no que diz respeito à existência da Zona Parque Beberibe, em Recife, da ZPAR, em Olinda, parece haver uma confluência de interesses públicos semelhantes — não obstante partam de municípios distintos.

A presença das Zonas Especiais de Interesse Social é um indicador do perfil socioeconômico presente na área e apresenta uma oportunidade de transformação – proporcionar lazer e cultura públicos, de qualidade e próximos



[Figura 30] Legislação de Uso do Solo do Município de Olinda. Fonte: da autora, 2023.

(acessíveis) a essa população é uma forma de diminuir a escassez de oportunidades em oferta na área. Por fim, sobrepõe-se a preocupação com a preservação e valorização da camada natural presente na área na forma do Rio Beberibe, suas margens e os maciços vegetais que ainda perseveram, bem como a conservação do patrimônio construído – o Centro Cultural Nascedouro de Peixinhos –, relacionando os patrimônios natural e cultural como costura e postura de um projeto de paisagem que se constrói a partir do lugar.

2.5 breve panorama socioeconômico

A população dominante no bairro de Peixinhos é majoritariamente feminina, jovem (entre 15 e 29) e de baixa renda, além de uma grande parte sem instrução ou ensino fundamental completo, outra (entre 10 e 65 anos) não possui ocupação formal.

Os dados analisados para este trabalho se referem às áreas de ponderação do Censo de 2010. Áreas de ponderação são unidades geográficas definidas pelo IBGE no contexto dos Censos de 2000 e 2010, compostas por agrupamentos de setores censitários contíguos (IBGE, 2012). As áreas de ponderação são as menores unidades geográficas para as quais as informações do Censo de 2010 estão disponíveis. Diante disso, é importante ressaltar que a porção do bairro de Peixinhos localizada na cidade do Recife corresponde a uma área de ponderação que engloba, também, os bairros Campina do Barreto e Arruda.

Entender o perfil sociodemográfico do morador médio da área de estudo representa mais uma peça do mosaico em que consiste a sua compreensão e auxilia no ajuste das diretrizes do projeto proposto, de forma a melhor atender às necessidades das pessoas a quem o projeto se destina.

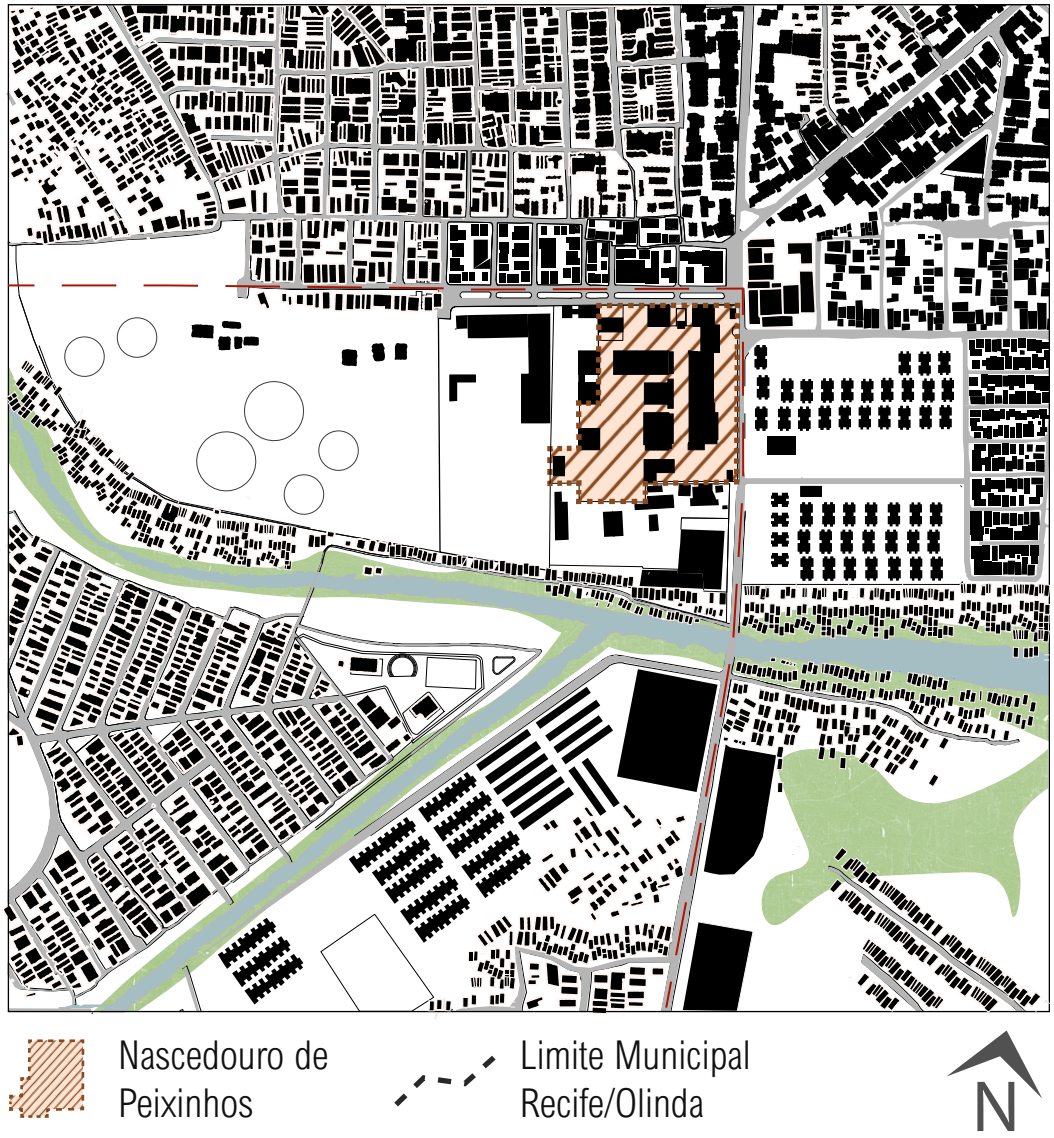
No caso de Peixinhos, o fator social que se destaca é a vulnerabilidade social que acomete parte majoritária da população em uma região caracterizada por ser periférica, bordeando os limites tanto de Olinda como de Recife, e lar para famílias de baixa renda, que são profundamente afetadas pela falta de infraestrutura urbana e distância de equipamentos de lazer e cultura: são poucas – e distantes – as opções para quem procura parques públicos, áreas verdes ou amenidade urbana (Figura 31), sendo necessário atravessar o bairro ou o Rio, para o qual quase não há saídas (Figura 32).

Propor um parque para a área, além da recuperação de relação há muito perdida com o Beberibe, é pensar a oferta de um ambiente verde, plural, inclusivo e cultural para a comunidade, resgatando a história do bairro, mas, principalmente, melhorando sua qualidade de vida.

MACIÇOS VEGETAIS, PARQUES E PRAÇAS URBANAS

[Figura 31]Mapa de Maciços vegetais, parques e praças urbanas. Fonte: da autora, 2023.

CHEIOS E VAZIOS



[Figura 32]Mapa de cheios e vazios. Fonte: da autora, 2023.

3 o nascedouro enquanto paisagem experienciada

3 o nascedouro enquanto paisagem experienciada

A paisagem congrega características próprias de seu meio. Como argumenta Corner (1992), essas características são impossíveis de serem representadas sem alteração ou redução. O próprio lugar, ao invés de sua representação, deve ser o objetivo final do projeto de paisagem. Para isso, buscamos olhar para o Nascedouro e para o meio onde se situa enquanto paisagem experienciada; enxergar os elementos que a compõem enquanto fenômeno complexo, específico e contextualizado, sob o prisma das categorias fenomenológicas propostas por Corner — espacialidade, temporalidade e materialidade. Utilizamos essas categorias não isoladas umas das outras, mas entrelaçadas na experiência da paisagem do lugar.

ESQUEMA PERCURSO

[Figura 33]Esquema do percurso de experienciação. Fonte: da autora, 2023.

3.1 a espacialidade da paisagem do Nascedouro

Quem percorre Peixinhos através da Av. Antônio da Costa Azevedo e adentra a Av. Brasília, onde se localiza o Nascedouro, logo percebe estar em um espaço marcadamente diferente do bairro: desta avenida, mais alargada do que a Costa Azevedo e do que a maioria das outras vias do bairro, ao se olhar para a direção Oeste — para o fim da rua—observa-se um horizonte longínquo. Não se vê o fim da avenida, embora ela não se estenda por mais do que 500 m, desde a esquina com a Costa Azevedo até a Estação de Tratamento de Esgoto de Peixinhos (ETE Peixinhos). Isso estimula no observador uma sensação de amplitude, à qual se refere Corner ao falar das características essenciais da espacialidade na paisagem.

O corredor de construções, cujas fachadas formam quase como uma alameda em conjunção às árvores — presentes, embora esparsas, no canteiro central, enquadram a paisagem do lugar. À esquerda, a imponência do Nascedouro se entrepõe às árvores que envolvem seus edifícios e às cores diversas dos fiteiros estabelecidos aos pés do conjunto de prédios históricos. O espaço do Nascedouro, com efeito, se caracteriza marcadamente na disposição dos prédios que o compõem. Exemplo disso é o evidente paralelismo entre os blocos A e G: o segundo, em pleno funcionamento, é reflexo presente do primeiro, arruinado. Nesse sentido, o aspecto espacial se mistura indissociavelmente ao caráter temporal, ambos expressos na paisagem do lugar.

[Figura 34] Avenida Brasília. Fonte: Google Earth, 2023.

[Figura 35] Avenida Brasília. Fonte: Google Earth, 2023.

De fato, o espaço do Nascedouro — complexo de muitos edifícios — é formado por inúmeros espaços livres de conexão entre a arquitetura e os vazios entre ela. A disposição dos edifícios que o compõem é ordenada — pautada pela função fabril do antigo matadouro. Se nos termos de Corner o espaço "'admite e instala' relações para se tornar 'lugar'" (1992, p. 147), é justamente essa configuração ordenada que enquadra as relações que se dão no espaço do Nascedouro.

Os edifícios do complexo também se fazem elementos fundamentais do espaço do bairro: em especial, a torre do relógio e a chaminé refletem sua imensidão e sua imponência nos olhos de quem transita ao redor: são pontos marcantes no horizonte, cuja escala inspira a enormidade própria do caráter espacial da paisagem.

[Figura 36] Vista da torre do relógio e chaminé da Av. Antônio da Costa Azevedo. Fonte: Google Earth, 2023.

Embora o Nascedouro se faça presente nos olhos de quem transita por seus arredores, os limites geográficos e topográficos que o encerram — elementos que, segundo Corner, são próprios do aspecto espacial da paisagem — se apresentam especialmente na forma de ausência de conexões: do Nascedouro, não há acesso ao rio; o Beberibe, elemento essencial na geografia do lugar, hoje faz silenciosamente seu leito a pouco mais de 100 metros do limite aos fundos do complexo e pode ser notado quase que somente por quem cruza a ponte que marca a fronteira de Recife para Olinda.

Essa ponte, que une as duas cidades, é, no entorno do Nascedouro, o único ponto de encontro do percurso das pessoas com o rio. Depreendido na paisagem cotidiana, hoje o rio é figura silenciosa e pouco vivenciada no espaço do lugar. Quem segue a Costa Azevedo neste sentido — de Recife para Olinda — tem a sensação de que as bordas se fecham e entrepõem o percurso entre o rio e o Nascedouro: este se anuncia apenas por meio de suas imensas construções — chaminé e torre do relógio — espiando o movimento dos carros e da gente que passa, por cima dos muros altos que delimitam o horizonte.

[Figura 37] Vista da ponte da Av. Antônio da Costa Azevedo para o rio Beberibe em 2023. Fonte: Google Earth, 2023.

[Figura 38] Vista da ponte da Av. Antônio da Costa Azevedo para o rio Beberibe em 2013.
Foto: Daniel Pereira, 2013

3.2 a temporalidade da paisagem do nascedouro

A temporalidade evidencia-se na paisagem do Nascedouro de diversas formas, seja pela natureza histórica dos edifícios que o compõem — que evocam a memória viva do lugar, seja pelo dinâmica dos processos naturais e culturais que se desenrolam em seu espaço. A Avenida Brasília, onde se situa o Nascedouro, caracteriza-se por uma atmosfera meio bucólica, inspirada pela pouca movimentação de carros e de transeuntes. Há um passo mais lento, por assim dizer, doméstico — próprio das ruas calmas do subúrbio — na dinâmica do lugar: a pouca movimentação de transeuntes é pontuada por pessoas que compram nas barracas, sentam-se à mesa de pequenos botecos, lavam carros, conversam nas portas das casas; senhoras que praticam seu exercício físico diário, caminhando pelas ruas, crianças que brincam de bola ou andam em suas bicicletas.

Já discutido sob a lente da espacialidade, o paralelismo presente na arquitetura do Nascedouro é também paralelismo entre passado e presente: os prédios em ruínas, os materiais dos quais foi feito o antigo matadouro, falam do passado fabril do lugar e transportam a memória do espectador para outras épocas. O complexo e seus edifícios, muitos dos quais hoje sem uso, exprimem uma promessa de futuro. Essas memórias se misturam em diversas camadas. São diversos os passados costurados no lugar: desde o fabril, já longínquo e evocado na memória coletiva de quem vive no bairro, até o passado mais recente, do Matadouro que virou Nascedouro de cultura e comportou manifestações artísticas em seu pátio frontal, que abrigou cursos voltados para a comunidade, que foi, enfim, elemento do tempo presente de tantas pessoas e de suas relações.

[Figura 38] Vista da entrada do Nascedouro. Fonte: Google Earth, 2023.

[Figura 39] Vista do portão de entrada do Nascedouro. Fonte: Google Earth, 2023.

A chaminé e a torre do relógio, elementos centrais no caráter espacial da paisagem do Nascedouro, são símbolos que, de novo, desvelam o significado fabril e produtivo do passado do que outrora constituiu o matadouro. Em especial, o tempo — elemento fundamental no modo de produção capitalista — é denotado quase que literalmente pela torre do relógio, espécie de vigia inexorável e constante das atividades que ali um dia transcorreram; hoje, sem funcionamento e estáticos no horizonte — símbolos de um tempo findo, sem embargo nos falam do presente que chegou e invocam um futuro de ressignificação.

O eixo central já não possui mais sua antiga coberta. Só resta imaginá-la: a estrutura metálica, as telhas cerâmicas e a claraboia central. Esse eixo conduz ao trecho mais arruinado do lugar, cujas obras previstas no projeto de restauro nunca foram iniciadas. O piso de concreto e seixo rolado se encerra, a vegetação entranha o esqueleto sem uso de parte do bloco F e dos blocos C, D e E inteiros. O trilho do bonde que outrora cortou o espaço do Nascedouro, hoje também só pode habitar o imaginário de quem anda pelo lugar — supondo-se em suas viagens, vibrantes e cheias de energia, que impulsionaram a dinâmica produtiva do antigo matadouro.

O Beberibe, deslocado do espaço, inunda e povoa a memória viva do lugar. Elemento constante e estruturante na formação do bairro, tem hoje sua dinâmica dissociada da dinâmica do Nascedouro e de seus arrabaldes. Isso conjura uma promessa de que os muros possam ser transpostos, uma vontade mesmo de que aqueles contextos — o do rio e o do Nascedouro —, entrelaçados de tantas formas na memória viva do bairro; segregados, hoje, nos espaços que os encerram, possam mais uma vez se conectar e se reunir em uma nova dinâmica: Nascedouro que é, que seja fonte, que transborde em direção ao rio por onde seu fluxo de cultura de novo possa florescer.

3.3 a materialidade da paisagem do nascedouro

As características próprias da paisagem são conhecidas por nós a partir de nossos sentidos. Por isso, espacialidade e temporalidade, ainda que fenômenos inerentes à paisagem, são também expressas por meio do caráter material. Esta última característica, indissociável também das demais, evidencia-se no Nascedouro de forma diversa e rica.

No entorno do complexo, tudo é árido. O aspecto material do solo da rua, arenoso e misturado a paralelepípedos, em tons marrons acinzentados que permeiam toda a paisagem: em dias de sol, se contrapõe ao azul do horizonte e em dias chuvosos se mescla ao céu anuviado; as poucas árvores que marcam a paisagem e não denunciam a proximidade do Beberibe, nem de suas margens onde o verde é mais comum. A paisagem da avenida contrasta marcadamente com a da ETE, justo no fim da rua, no que diz respeito ao adensamento vegetal.

Na arquitetura do Nascedouro, a expressão material dos detalhes nas fachadas dos prédios, marcados pelo estilo eclético — os azulejos bisotados, o trabalho em ferro de caráter ornamental, os arcos, os estuques em relevo — imprimem expressão textural única em quem os observa. Cabeças de bodes e de touros esculpidas em cerâmica adornam, também, a fachada do bloco G, e recebem quem adentra os portões do Nascedouro relembrando o passado do prédio com bastante detalhe. A isso se soma o contraste entre o predominante amarelo arenoso das fachadas e o branco de seus frisos, que se destacam.

[Figura 40] Detalhes na fachada do bloco G. Fonte: Google Earth, 2023.

[Figura 40] Detalhe esculpido em cerâmica. Fonte: Google Earth, 2023.

Sob o aspecto da materialidade, o rio também causa impressão significaiva, embora — mais uma vez — pela segregação. Perto dele, o ar sente-se mais úmido e o ambiente é cheio de vida, refletida na vegetação. O rio marca a paisagem, seu cheiro, suas cores, seus sons. Por outro lado, é impossível ignorar seu aspecto poluído: essa é expressão material da marca humana, do rio desconectado, das bordas que se erguem em todos os caminhos, inclusive no do curso natural. Os barulhos dos carros nas ruas, o acinzentado dos muros e do asfalto, dividem a trama que outrora uniu os espaços e os tempos do Beberibe e do Nascedouro.

4 vislumbrando um projeto para o Parque Nascedouro

4 vislumbrando um projeto para o Parque Nascedouro

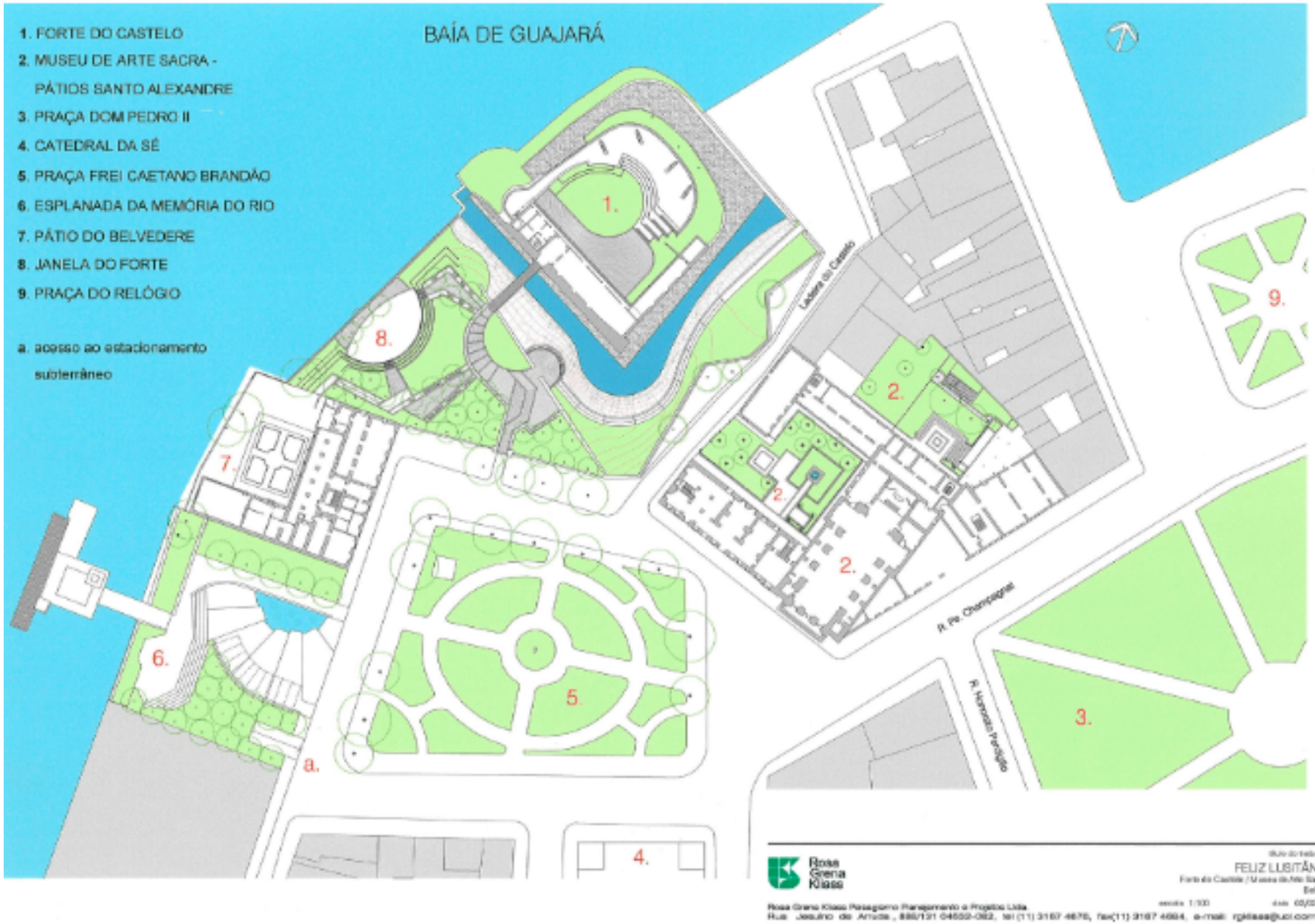
4.1 referências projetuais

A fim de encontrar respaldo e inspiração para a solução de problemas e para as transformações a serem propostas no projeto, foram selecionadas algumas referências projetuais que têm por objeto contextos paisagísticos semelhantes ao do Nascedouro

Complexo Feliz Lusitânia

Em primeiro lugar, escolhi o projeto do Complexo Feliz Lusitânia (2000/2003), de autoria da arquiteta Rosa Kliass, em Belém do Pará. Esse projeto foi selecionado devido à natureza do espaço projetado, compreendido nos entremeios de quatro edifícios históricos conectados pelo traçado de caminhos que levam até a frente d'água – o Rio Guamá . Esses elementos entrelaçados compõem, por fim, um complexo cultural.

Dessa forma, no projeto se destacam três aspectos (os edifícios históricos, a frente d'água e a presença do uso cultural) que tornam o caso do Complexo Feliz Lusitânia extremamente relevante para o caso do Parque Nascedouro. O projeto parte do conceito de "Janelas para o Rio", criado por Paulo Chaves, então Secretário de Cultura do Estado do Pará, num esforço para remediar a separação criada pelo processo de urbanização da cidade, que havia se desenvolvido de costas para o rio. Esse dualismo entre rio e cidade configura outro paralelo que pode ser traçado com o caso do Nascedouro.



[Figura 41] Planta baixa do projeto do Complexo Feliz Lusitânia. Fonte: UFG. Disponível em: www.publica.ciar.ufg.br. Acesso em 2023.

O complexo está localizado no Largo da Sé, local seminal na fundação da cidade de Belém, e é formado por quatro imóveis históricos: o Forte do Presépio, o atual Museu de Arte Sacra, a Casa das Onze Janelas – antigo Hospital Militar – e a Igreja de Santo Alexandre. O espaço entre o Forte do Presépio e a Casa das Onze Janelas funciona como entrada para o trajeto até o rio. Kliass projeta em frente ao Forte um anfiteatro que permite, no local, uma variedade de atividades emolduradas pelas construções históricas. O projeto busca, ainda, valorizar a presença do sítio arqueológico presente na área do Forte, posicionando passarelas e escadas com o intuito de criar um percurso contínuo.

Os pátios internos da Igreja de Santo Alexandre integram-se ao projeto a partir do tratamento paisagístico, mantendo, porém, o desenho interno mais sóbrio, no qual se preserva o caráter de claustro. Demolindo-se os dois armazéns entre o Forte e a Praça Frei Caetano Brandão, abriu-se uma visada ininterrupta para o rio. O passeio termina em uma composição de terraços escalonados que descendem até o rio, culminando em um píer, que consolida a conexão com o rio Gumá

[Figura 42] Esquema dos blocos do Complexo Feliz Lusitânia. Fonte: UFG. Disponível em: www.publica.ciar.ufg.br

[Figura 43] Paisagismo do Forte do Castelo. Fonte: UFG. Disponível em: www.publica.-ciar.ufg.br. Acesso em 2023.

[Figura 44] Anfiteatro em pátio da Igreja de Santo Alexandre. Fonte: UFG. Disponível em: www.publica.ciar.ufg.br.Acesso em 2023.

[Figura 45] Conexão com o rio e paisagismo na Casa das 11 Janelas. Fonte: UFG. Disponível em: www.publica.ciar.ufg.br. Acesso em 2023.

[Figura 46] Conexão com o rio e paisagismo na Casa das 11 Janelas. Fonte: UFG. Disponível em: www.publica.ciar.ufg.br. Acesso em 2023.

Parque da Tamarineira

O outro projeto escolhido foi o do Parque da Tamarineira. Projeto ganhador do Concurso Nacional de Projetos para Implantação do Parque Municipal da Tamarineira, da Prefeitura da cidade do Recife, foi elaborado por uma equipe de arquitetos composta por Celso Sales, Luciana Raposo, Carmen Cavalcanti, Manuela Maia, Mariana Ribas e Christoph Jung. Trata-se de uma recuperação de parte da história da cidade do Recife e da medicina como um todo e tem como objetivo a reciclagem de uso do Hospital Ulysses Pernambucano, referência (no século XIX) dos serviços psiquiátricos.

Há no projeto a incorporação de elementos que rememoram, de forma lúdica, a antiga função dos edifícios históricos do antigo hospital, como o eixo central monumental composto por jardins labirínticos, que relembram a complexidade da mente humana: "O Parque da Tamarineira, agora desapropriado, tem o compromisso de abrir-se à cidade, desmistificar a loucura e oferecer à população lazer, cultura e educação ambiental." (Memorial do Projeto, 2011).

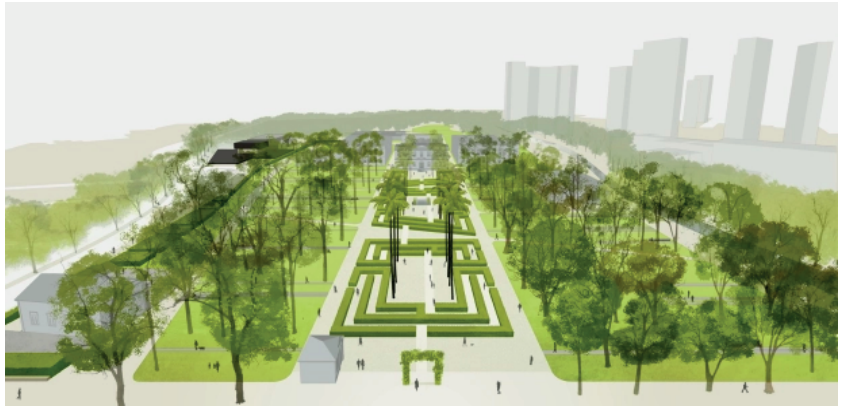
Os aspectos que aproximam o Parque da Tamarineira do caso do Nascedouro são muitos. Em primeiro lugar, existe em ambos a proposta de resgate de um território de importância natural, histórica e cultural, a fim de oferecê-lo à cidade, transformado em experiência. A presença do eixo central, tratado como ligação e também como espaço de contemplação e rememoração, e da arquitetura eclética dos edifícios que compõem ambos os espaços também contribuem para o traçado deste paralelo.

O projeto parte da criação de seis "pontos fundamentais", sendo eles: (1) eixos fundamentais, (2) aberturas dos portões do pátio principal, (3) remoção de barreiras, (4) centros e bordas, (5) identidade visual e (6) respeito à memória. Busca, em sua finalidade, a reimaginação do espaço, removendo as barreiras

outrora confinavam os internos do hospital, bem como os portões que ressaltam a separação da cidade e do lugar. Além disso, visa à implementação de uma nova unidade hospitalar de atenção psiquiátrica, com o intuito de incentivar a evolução da medicina nesta área. O projeto tem, ainda, como objetivo, reciclar o uso dos edifícios antigos para abrigar um museu – uso cultural – e programas dedicados à história e conscientização da saúde mental.

[Figura 47] Planta geral do projeto Parque da Tamarineira. Fonte: Concursos de Projeto. Disponível em: concursosdeprojeto.org. Acesso em 2023.

[Figura 48] Fachada de um dos edifícios do antigo Hospital Ulysses Pernambucano. Fonte: Concursos de Projeto. Disponível em: concursosdeprojeto.org. Acesso em 2023.



[Figura 49] Perspectiva do eixo central do projeto Parque da Tamarineira. Fonte: Concursos de Projeto. Disponível em: concursosdeprojeto.org. Acesso em 2023.

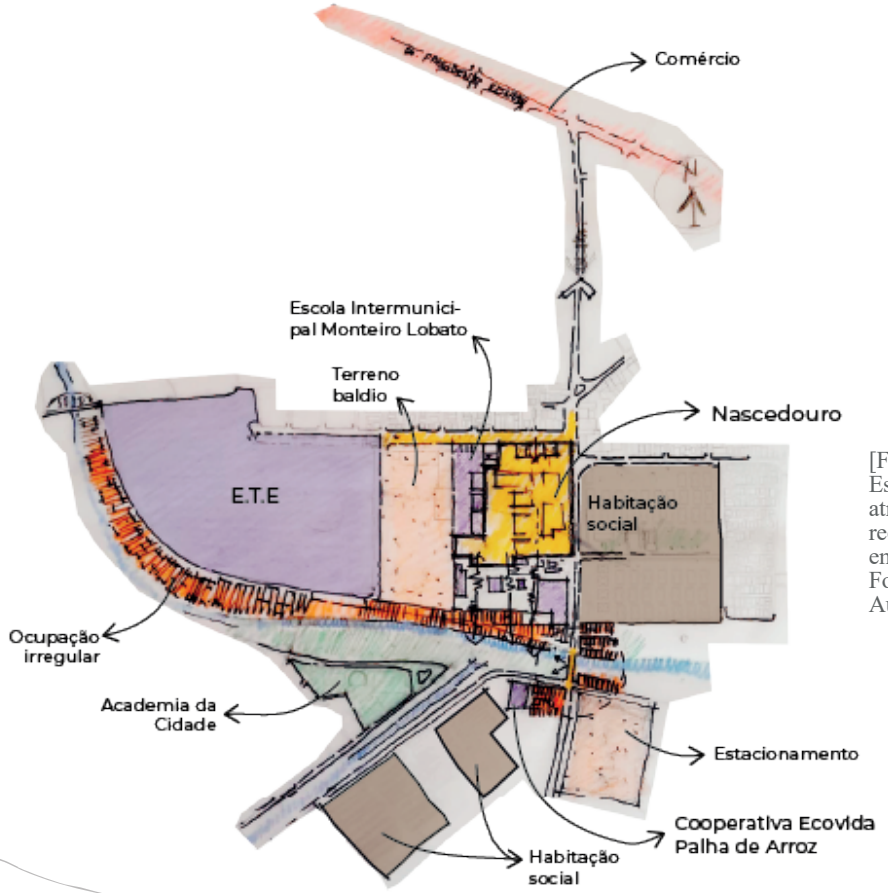
4.2 trans.bordas: condicionantes e definições de projeto

A inquietação para propor um projeto relacionado ao Nascedouro de Peixinhos surgiu da curiosidade incitada pela sua arquitetura. No entanto, o percorrer do bairro logo explicita uma nuance ainda mais inquietante: a de criar em Peixinhos, um lugar de amenidade. Propor um parque parte da necessidade de espaços verdejantes de convivência comunitária, de qualidade de vida — e de vida urbana.

O potencial que existe no Nascedouro enquanto objeto de mudança — foco da mobilização comunitária que, de fato, incitou sua transformação em Nascedouro de cultura —, parte viva da história do bairro, encoraja, ainda, outras inquietações que motivam o projeto: o resgate de uma relação com o rio e com a memória do lugar.

A proposta para o Parque Nascedouro foi pautada pelo conceito-guia de transbordamento: a ideia de que o Nascedouro pode ser um ponto de reverberação para seus arredores, pivô de uma transformação para as comunidades lindeiras através da educação, da cultura e da atividade física.

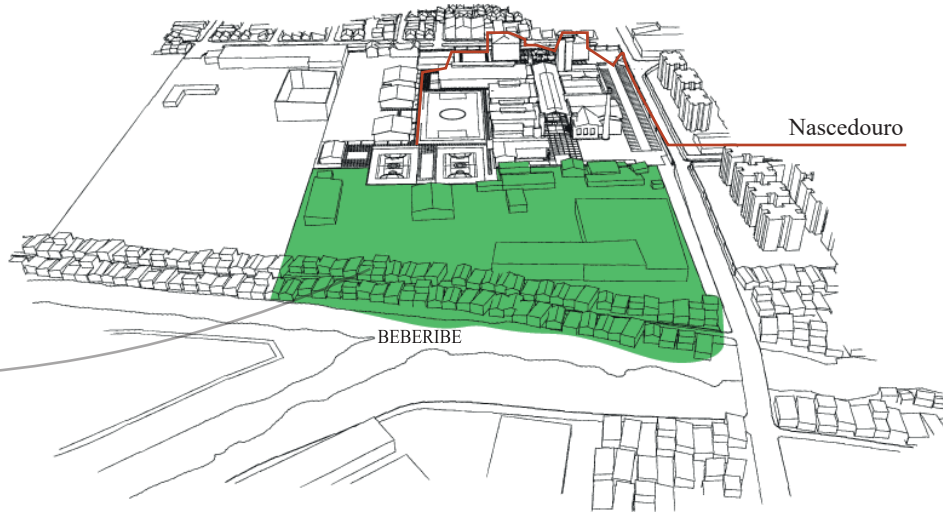
O primeiro momento no processo de concepção das diretrizes que guiaram os gestos projetuais propostos ocorreu com o mapeamento dos atributos presentes no recorte estudado, com o objetivo de compreender quais aspectos de sua paisagem representam forças e oportunidades a serem exploradas e quais representam fraquezas e ameaças a serem suavizadas.



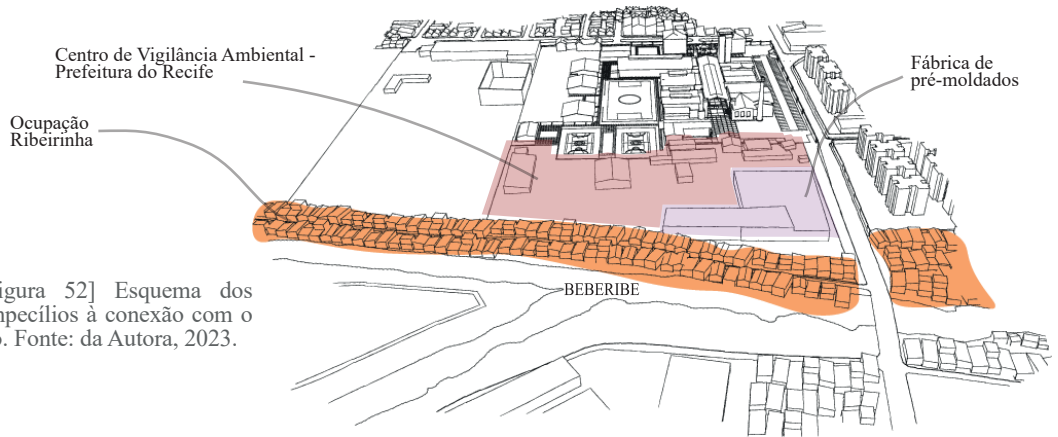
[Figura 50] Esquema dos atributos do recorte estudado em Peixinhos. Fonte: Da Autora, 2022.

A área estudada conta com uma variedade de usos: os arredores do Nascedouro possuem vida. O rio Beberibe é uma grande força observada no local: sua presença junto à do Nascedouro forja um verdadeiro amálgama entre a natureza, a história e a cultura. É precisamente no cruzamento desses elementos, denotado material e espacialmente pelo cruzamento entre o rio e o Nascedouro, que se situa a **área de intervenção** deste trabalho, que será a o ponto focal das diretrizes desenhadas para o Parque Nascedouro.

No recorte, alguns elementos apontam para a necessidade do desenvolvimento de espaços de lazer, arborizados e públicos. Esses tipos de equipamento são raríssimos em Peixinhos: dentre os poucos que existem nos arredores do Nascedouro, a academia da cidade, por exemplo, carrega bastante aridez em sua paisagem. De fato, são muitos os grupos instalados no bairro que poderiam se beneficiar da presença de espaços mais verdes e amenos. Exemplos disso são explicitados pelos diversos blocos de habitação de interesse social e pela escola intermunicipal Monteiro Lobato: ambos promovem o tráfego diário de pessoas que se beneficiariam grandemente de um parque verdejante, que congregasse em seu espaço atividades de viés cultural.



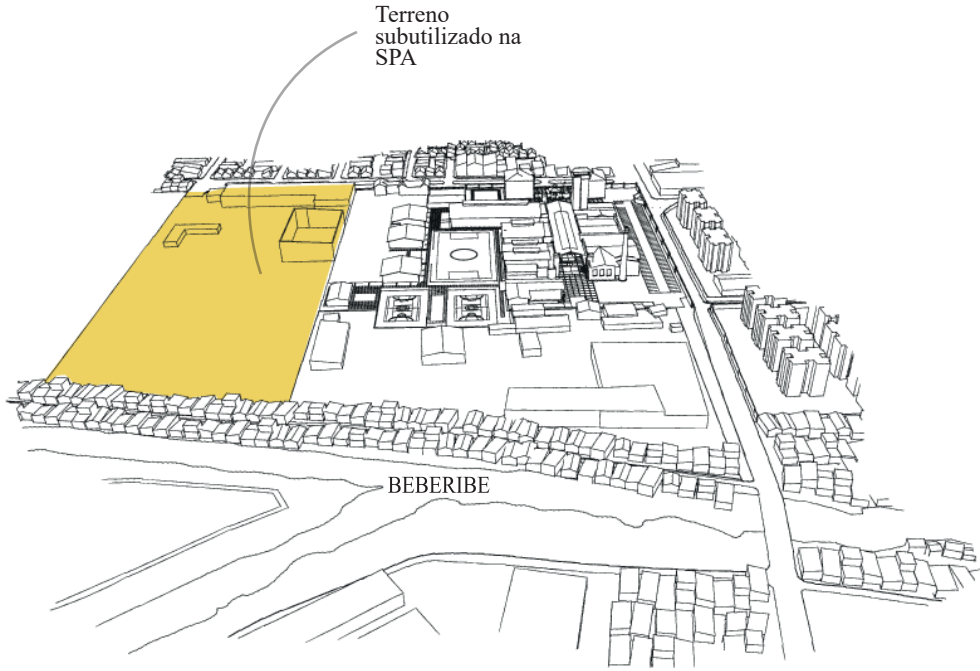
[Figura 51] Área de intervenção. Fonte: da Autora, 2023.



[Figura 52] Esquema dos empecílios à conexão com o rio. Fonte: da Autora, 2023.

As margens do Beberibe estão tomadas por uma ocupação irregular de pequenas casas (uma ocupação ribeirinha), cujas famílias carecem de condições dignas de moradia. Do dilema entre a liberação da margem do rio e as famílias que ocupam suas margens -- surge outra oportunidade: um terreno ao lado do Nascedouro, que faz parte do zoneamento da SPA da ZEPH Matadouro, encontra-se em subutilização e pode ser transformado em espaço para que se instalem moradias regulares para as famílias, eventualmente desapropriadas das margens do rio, sem que elas percam a proximidade do lugar que escolheram para viver.

A estação de tratamento de esgoto e a Cooperativa de Palha de Arroz — que oferece a mulheres carentes a oportunidade de aprender e empreender através da reciclagem, são elementos que denotam na área um sentido de educação ambiental. Esse sentido se alinha com as diretrizes propostas, que propõem a recuperação uma parte da margem do Beberibe, visando sua reconexão com a cidade e com as pessoas.

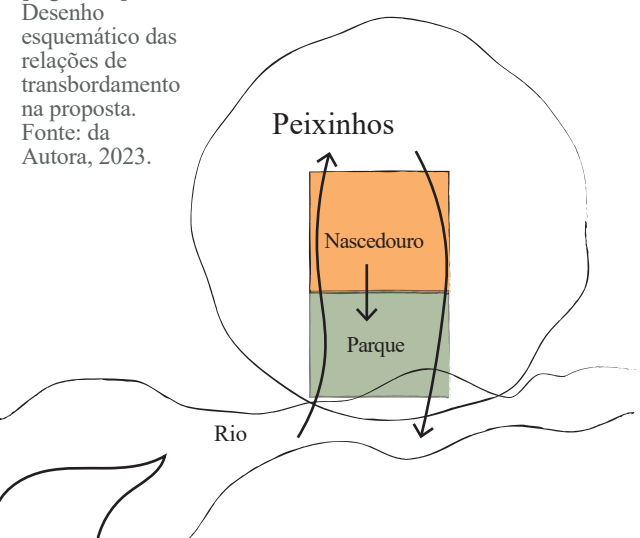


[Figura 53] Terreno a ser implementado como Habitação de Interesse Social Fonte: da Autora, 2023.

[Figura 54] Simulação do transbordamento da área de intervenção para a Habitação de Interesse Social Fonte: da Autora, 2023.

O segundo momento na concepção das diretrizes propostas é precisamente o estudo do traçado dos gestos projetuais, que tem como ideias (figura 55) motrizes: (1) a conexão do Parque Nascedouro com os elementos que compõe o espaço para o qual ele foi proposto — os edifícios históricos, a geografia singular, enfim, todo o contexto que define a paisagem do Nascedouro como única; (2) a experienciação da margem do rio, retomada na paisagem do lugar a partir dos prolongamentos dos eixos e caminhos que já compõem o Nascedouro, mas que hoje estão segregados da frente d'água; (3) a retomada da natureza outrora presente nas margens do Beberibe, hoje ameaçada e poluída pela ação humana.

Esse fluxo de pensamento reflete-se no conceito de transbordamento, em primeiro lugar, do Nascedouro para o Parque; do bairro para o rio, através do Parque, e do rio para o Parque, que o verte, de novo para o bairro.



[Figura 55] Desenho esquemático das relações de transbordamento na proposta. Fonte: da Autora, 2023.

O estudo do traçado teve início com a composição de uma maquete, por meio da qual as diferentes relações entre os elementos que compõem o espaço do Nascedouro puderam ser melhor exploradas. Por exemplo, a partir dela foi possível observar a força do Eixo Central, no passado coberto por estruturas de ferro e cerâmica, retomado nas diretrizes propostas aqui como caminho: a transição entre o espaço coberto (Nascedouro) e espaço aberto (Parque) evoca a sensação de mudança de ambiente, enquanto o piso sugere a continuação do trajeto, até o rio — através do Eixo.

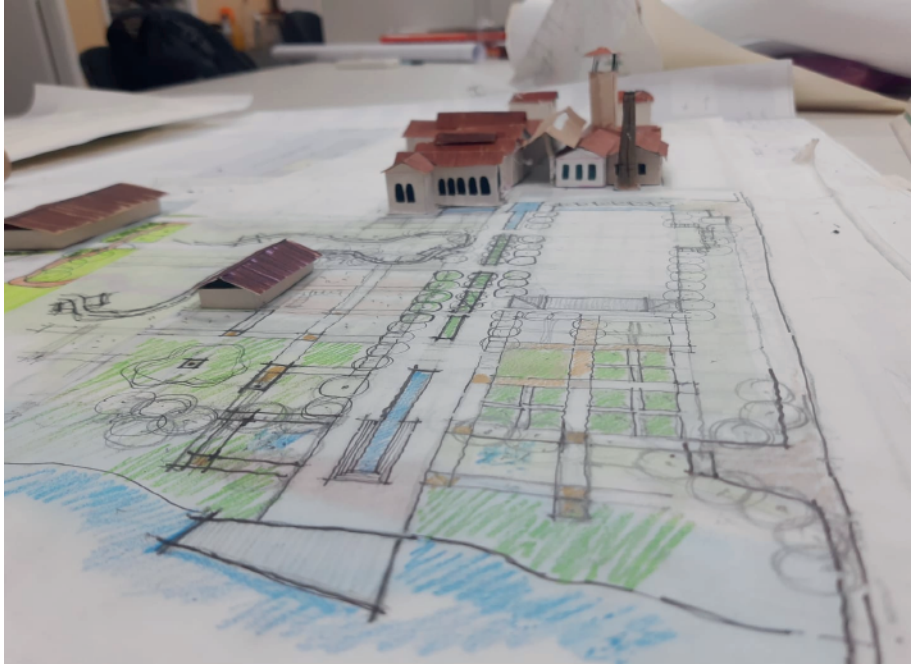
A partir da maquete, também foi possível notar a imponência da chaminé do antigo Matadouro na paisagem do lugar: sua imagem, observada da perspectiva de quem projeta, imprime um traçado no próprio plano do imaginário e inspira um sentimento de contemplação e de rememoração do passado.

[Figura 56] Fase inicial do traçado. Foto tirada por Lúcia Veras, 2023.

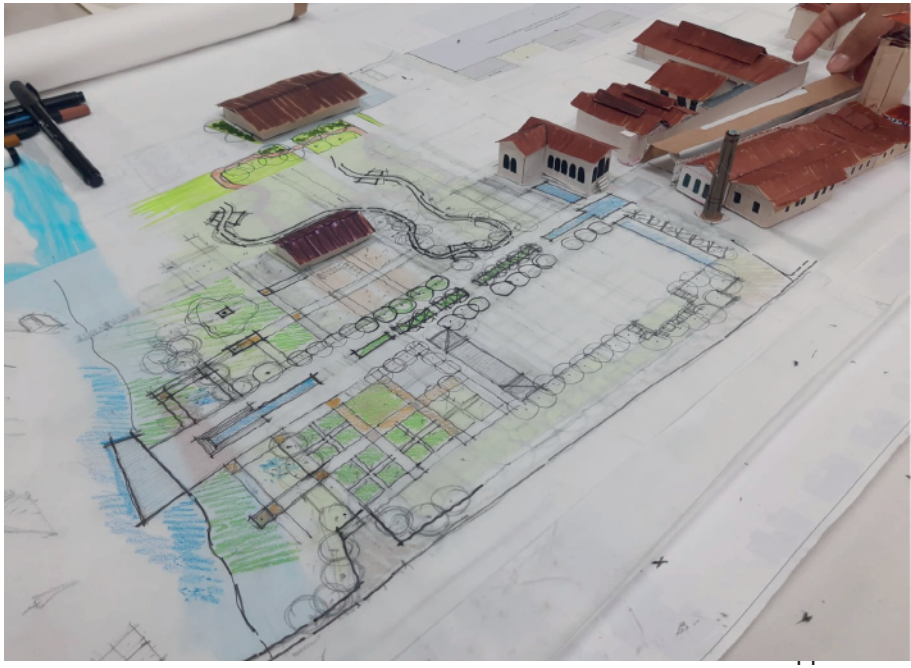
[Figura 57] Fase inicial do traçado. Foto tirada por Lúcia Veras, 2023.

Ainda, a composição da maquete permite perceber que há um claro padrão na distribuição dos volumes construídos no Nascedouro: há uma evidente marcação entre cheios e vazios. Há, também, um sentido funcional nessa distribuição volumétrica: o setor mais densamente construído constitui o programa do Centro Cultural, que previa o funcionamento de salas de aula e auditório; o setor de menor adensamento é fruto de um programa mais voltado para a atividade física e para o desfrute da natureza (campinho, quadra, gramado). Enfim, essa distribuição evidencia um elemento simbólico no traçado do espaço, que reflete como que a dualidade indissociável da mente e do corpo.

Por fim, analisar o traçado do espaço a partir da composição da maquete auxilia na proposição de novos blocos edificados, congruentes com os volumes já presentes na paisagem do lugar. Isso se refletirá especialmente na proposta de construção de uma quadra coberta e um salão de atividades (ver Seção 4.3), que tem por fim complementar o setor do Parque vinculado às atividades do corpo.

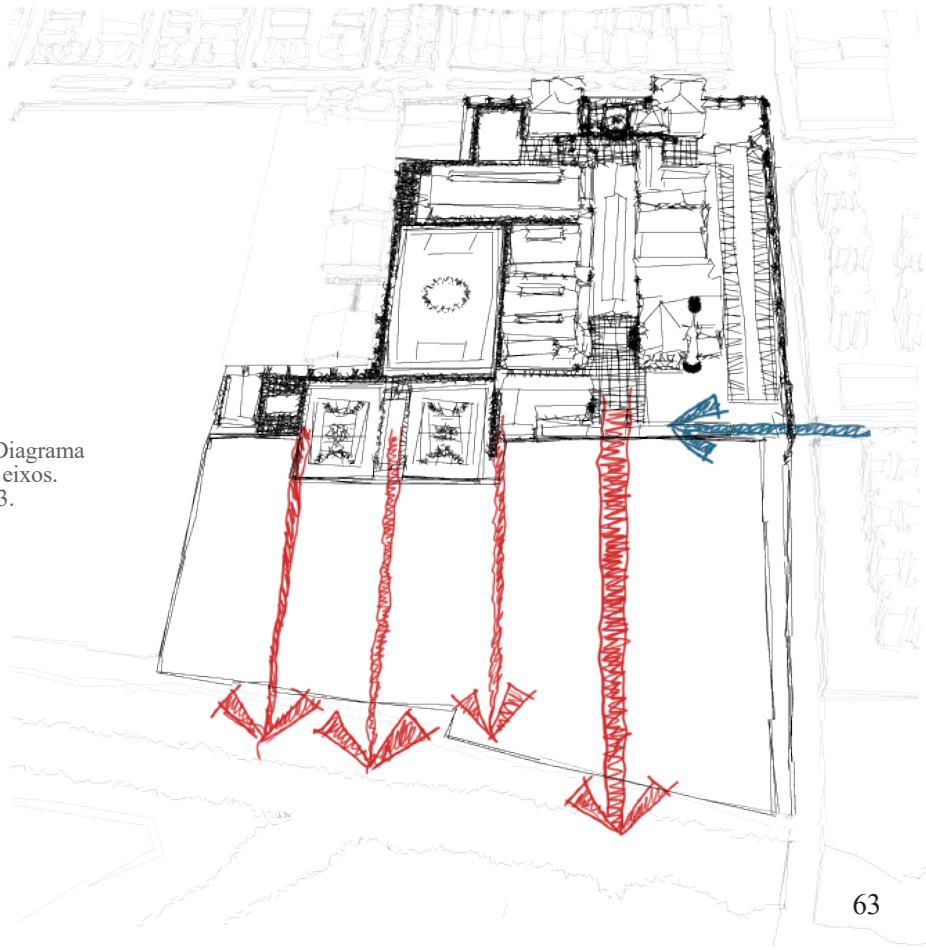


[Figura 58] Evolução do traçado. Foto tirada por Lúcia Veras, 2023.



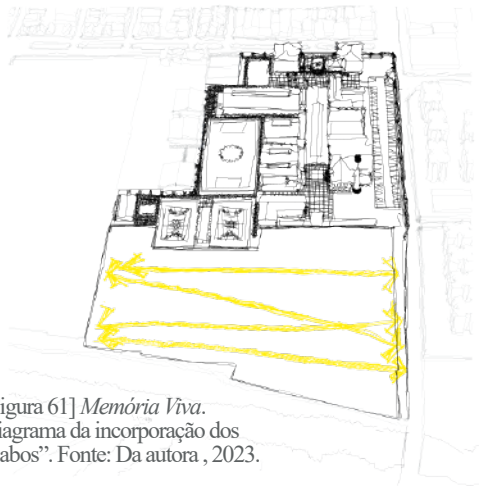
[Figura 58] Evolução do traçado. Foto tirada por Lúcia Veras, 2023.

Finalmente, o transbordamento se revela por meio de gestos projetuais, ações conceptivas que norteiam o traçado do projeto. Alguns são pautados pela fisicalidade do lugar: o prolongamento dos eixos – transbordamento do espaço do Nascedouro – é resumido no conceito de (I) ***bordado***, uma costura da malha do próprio bairro com a margem do rio.



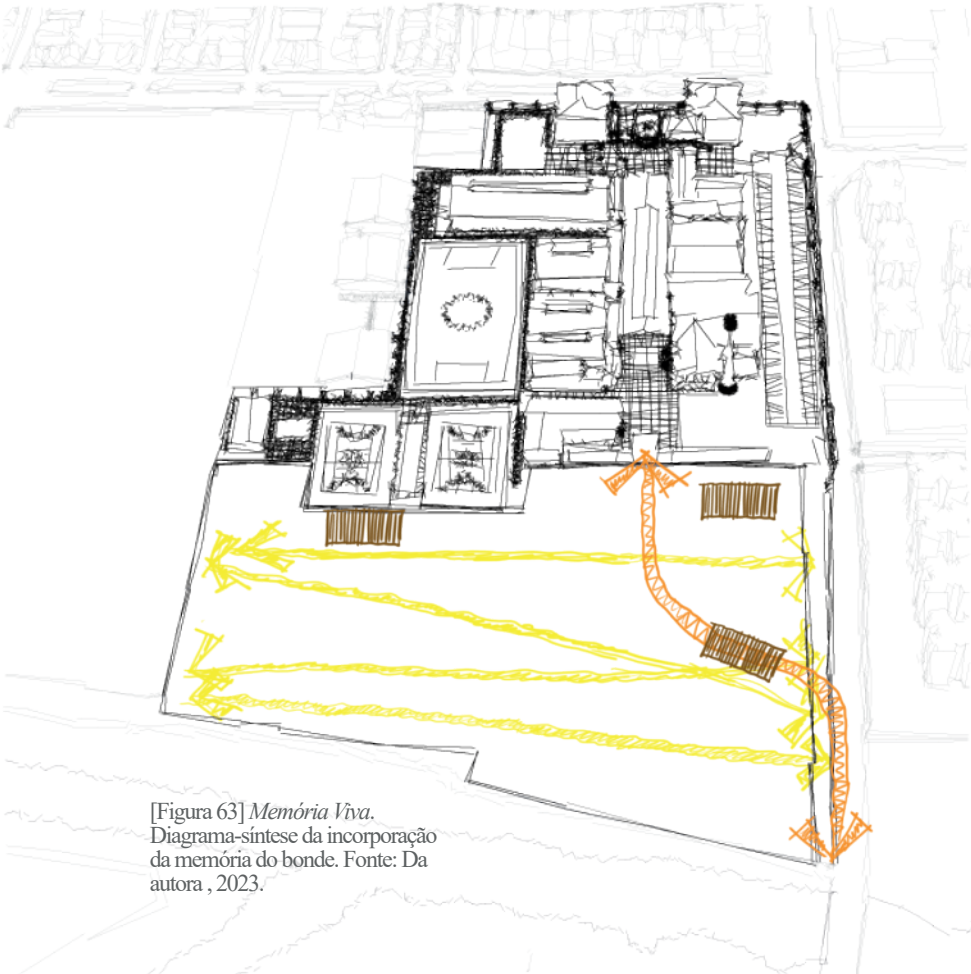
[Figura 59] *Bordado*. Diagrama do prolongamento dos eixos. Fonte: Da autora , 2023.

[Figura 60] *Memória Viva.* Diagrama da incorporação dos "vagões". Fonte: Da autora , 2023.



[Figura 61] *Memória Viva.* Diagrama da incorporação dos "cabos". Fonte: Da autora , 2023.

[Figura 62] *Memória Viva.* Diagrama da incorporação dos "trilhos". Fonte: Da autora , 2023.



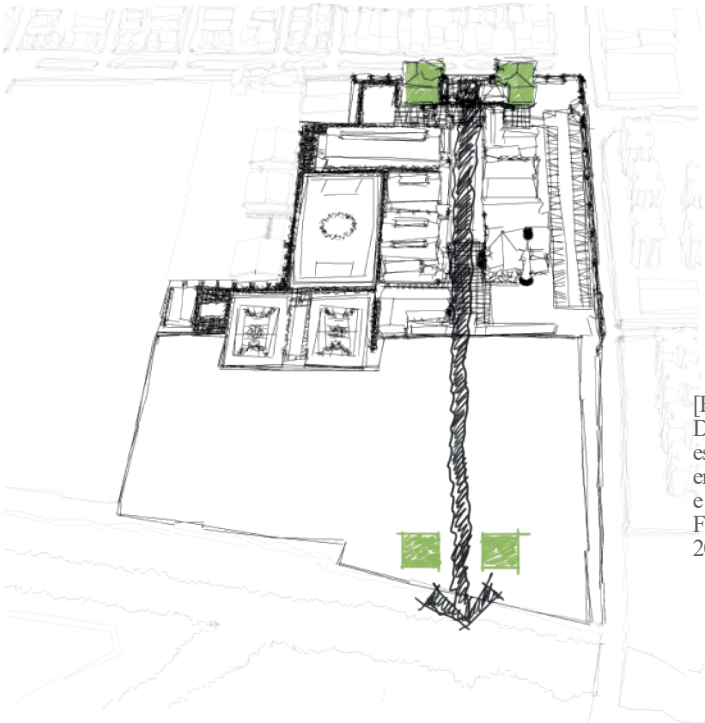
[Figura 63] *Memória Viva.* Diagrama-síntese da incorporação da memória do bonde. Fonte: Da autora , 2023.

Em seguida, o gesto guiado pela (II) ***memória viva*** do lugar relembra a linha férrea que atravessava o rio em direção ao antigo matadouro: seus trilhos, cabos e vagões, não mais presentes materialmente no espaço, permanecem vivos na história da comunidade; no projeto proposto, emolduram e viram novamente caminhos percorríveis.

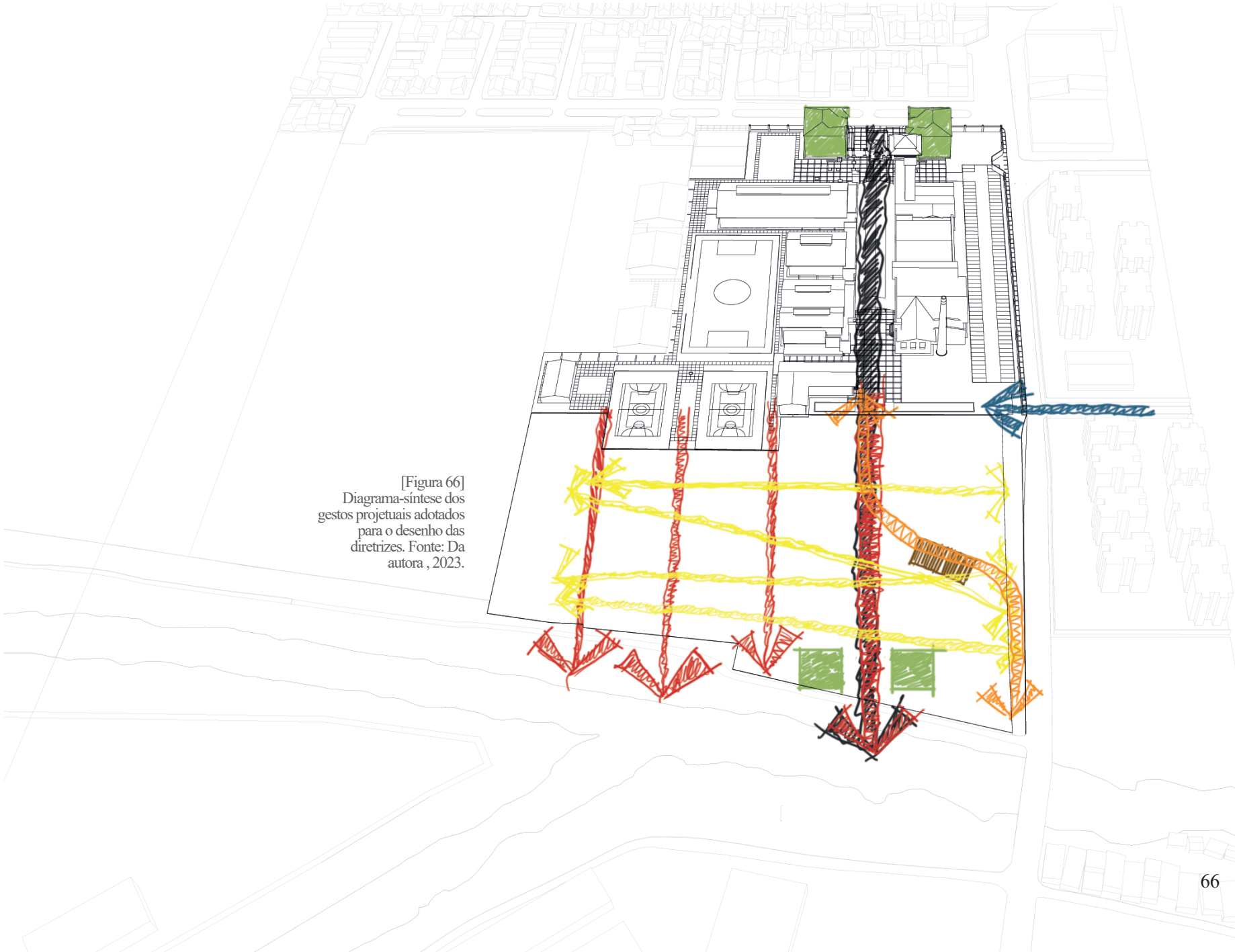
O gesto seguinte tem como conceito a (III) ***modulação*** do Nascedouro, interpretada simbolicamente como momentos singulares da atividade do corpo (quadras, academia e movimento) e da atividade da mente (aulas, cultura e expressão). Este gesto propõe, assim, o transbordamento através da experiência no lugar.

Por fim, o gesto final do projeto carrega consigo, também, a ideia de recomeço. O eixo central — que se inicia com a coberta metálica do matadouro, percorre os antigos edifícios e, por meio do parque proposto, transborda até o Beberibe. Encerra-se como começa: como uma entrada — desta vez para o rio. A proposição de praças molhadas reflete a promessa do encontro com o rio, ao mesmo tempo em que espelha — ação alusiva aos blocos espelhados presentes na entrada do Nascedouro — o momento em que se inicia o percurso pelo lugar. Dessa forma, esse gesto simboliza um arremate que se vincula à paisagem do lugar, verdadeira costura de memórias e experiências que se acumulam através do tempo e do espaço.

[Figura 64] *Modulação*. Diagrama-síntese da interpretação da divisão volumétrica do Nascedouro. Fonte: Da autora , 2023.



[Figura 65] *Arremate*. Diagrama do espelhamento da entrado do Nascedouro e a entrada para o rio. Fonte: Da autora , 2023.



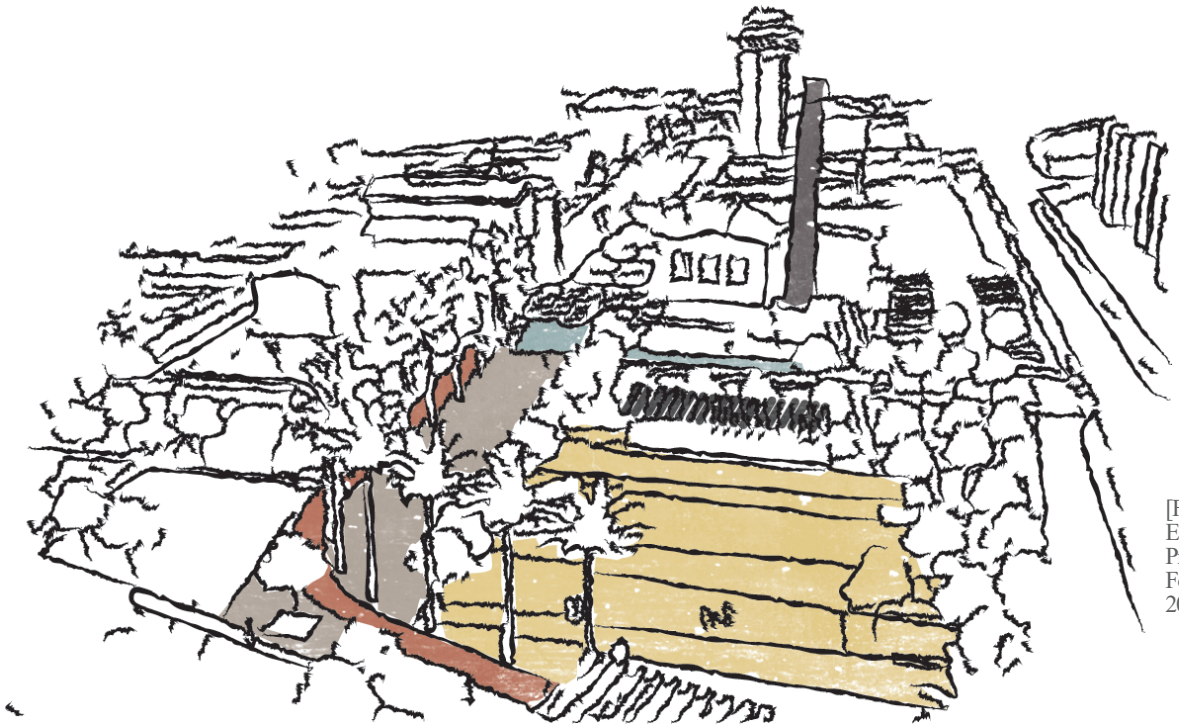
[Figura 66]
Diagrama-síntese dos gestos projetuais adotados para o desenho das diretrizes. Fonte: Da autora , 2023.

4.3 diretrizes desenhadas: Parque Nascedouro

A culminância dos estudos e ideias formuladas ao longo deste trabalho é a proposta preliminar de um projeto, nomeado de Parque Nascedouro. Esse projeto é composto de 7 elementos principais, elencados abaixo:

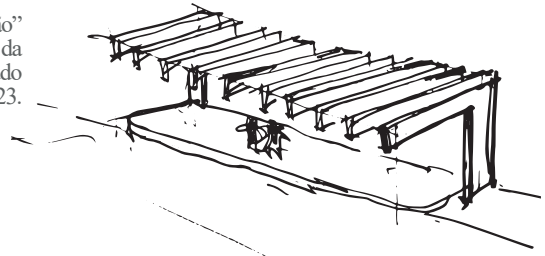
(1) Eixo Central

O Eixo Central é o elemento de força no projeto e se apresenta como uma extensão do Nascedouro: começa em um espelho d'água já presente no projeto do Centro Cultural e segue em uma linha reta que alcança o Rio Beberibe, espelho d'água que encerra o paisagismo do Nascedouro. Dessa forma, esse eixo representa a reconexão com o Beberibe — simbolizado no fluxo da frente d'água projetada para a frente d'água natural. Elemento fundamental do traçado do projeto, por ele passam os caminhos que distribuem os fluxos no parque e o caminho da memória, denotado pela recriação simbólica do antigo trilho do bonde que em tempos passados cortava o espaço do Matadouro — no projeto, transformado em caminho de pessoas.



[Figura 65] Croqui do Eixo central (1) e da Praça de Eventos (2) Fonte: Da autora , 2023.

[Figura 66] Croqui do "vagão" que corresponde ao palco da Praça de eventos (2). Elaborado por Lúcia Veras. 2023.



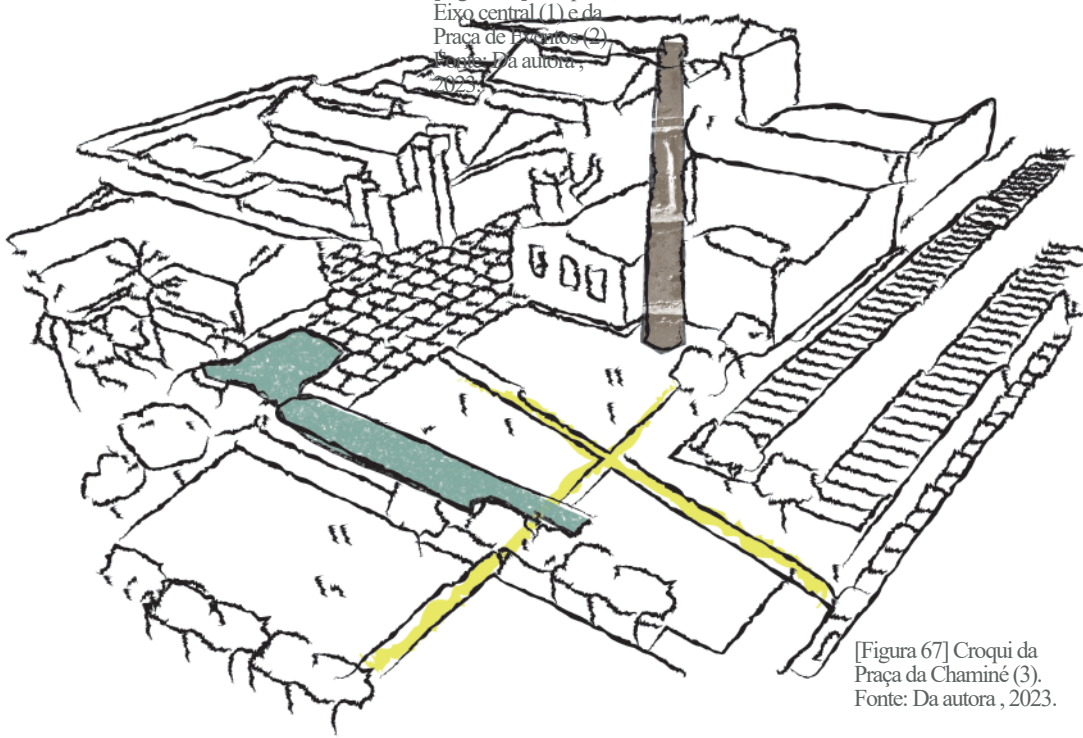
(2) Praça de eventos

Parte da experiência do Nascedouro como paisagem está pautada no papel que o espaço representa para a comunidade: o Nascedouro serviu como lugar para diversos eventos culturais como shows e festivais, mesmo sem que lá houvesse um ambiente adequado para a aglomeração de pessoas. Essa atitude de ocupação e apropriação do espaço do Nascedouro por parte da comunidade fomenta a pertinência da proposição da Praça de Eventos. A praça se forma no entremeio que resulta do Eixo Central e do caminho criado no trajeto que remonta ao trilho do bonde.

(3) Praça da Chaminé

Criada como espaço de conexão, essa praça serve como espaço de chegada: foi pensada no projeto como uma entrada lateral — um lugar de transição entre o Nascedouro e o parque. Sobretudo, essa praça foi projetada como um espaço de contemplação e rememoração da história presente no lugar, irremediavelmente representada pela imponente chaminé do antigo Matadouro.

[Figura 65] Croqui do Eixo central (1) e da Praça de Encontros (2). Fonte: Da autora , 2023.



[Figura 67] Croqui da Praça da Chaminé (3). Fonte: Da autora , 2023.

(4) Horta comunitária

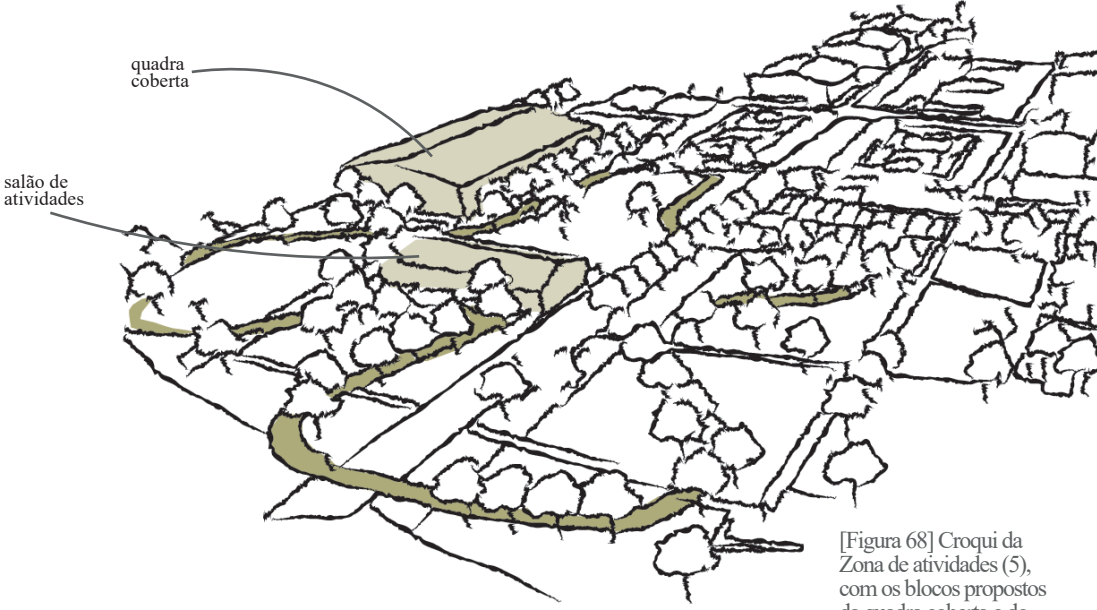
A proposição da Praça da Chaminé implica na realocação da horta comunitária projetada nesse mesmo espaço, no projeto de restauro que deu lugar ao Centro Cultural. O elemento foi, então, incorporado ao programa do Parque e representa, ainda, um transbordamento sutil: a do alimento da horta que, como aquele vindo do Matadouro, vai à mesa da comunidade.

(5) Zona de atividades

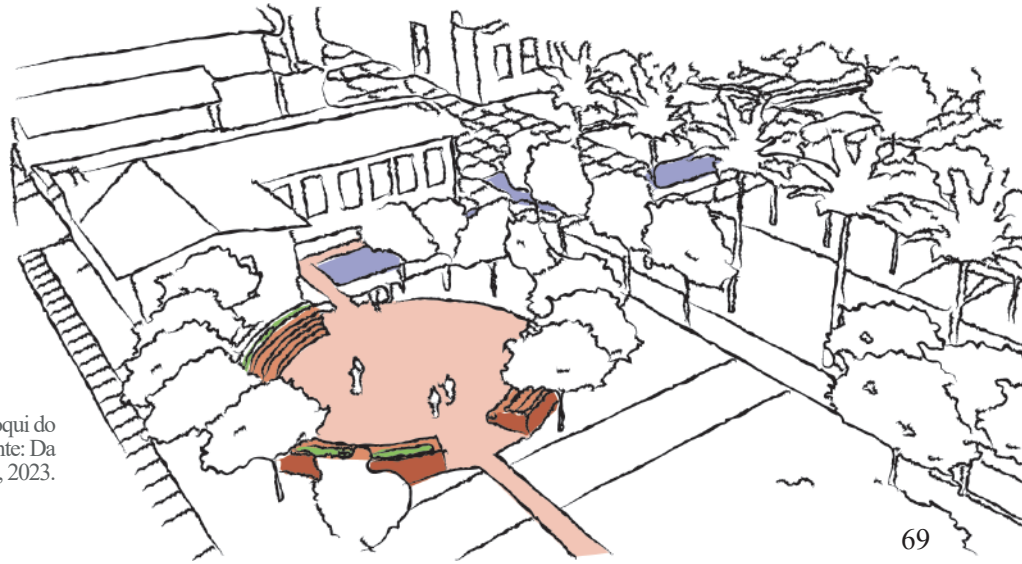
Esta área do parque tem por objetivo complementar o programa desportivo já encontrado no espaço do Nascedouro (que conta com campinho, quadras e academia), por meio da implementação de um circuito de cooper, um salão coberto para jogos e reuniões e uma quadra coberta.

(6) Anfiteatro

Emoldurado pelo bloco E do Nascedouro — reservado pelo programa de restauro do Centro Cultural para salas de aula de música e dança — o anfiteatro é um espaço destinado a ser palco de ensaios e pequenas performances. Esse espaço costura o projeto à memória dos grupos da comunidade que outrora o ocuparam e preencheram com diversas intervenções artísticas, tais como os grupos de teatro e os balés afro.



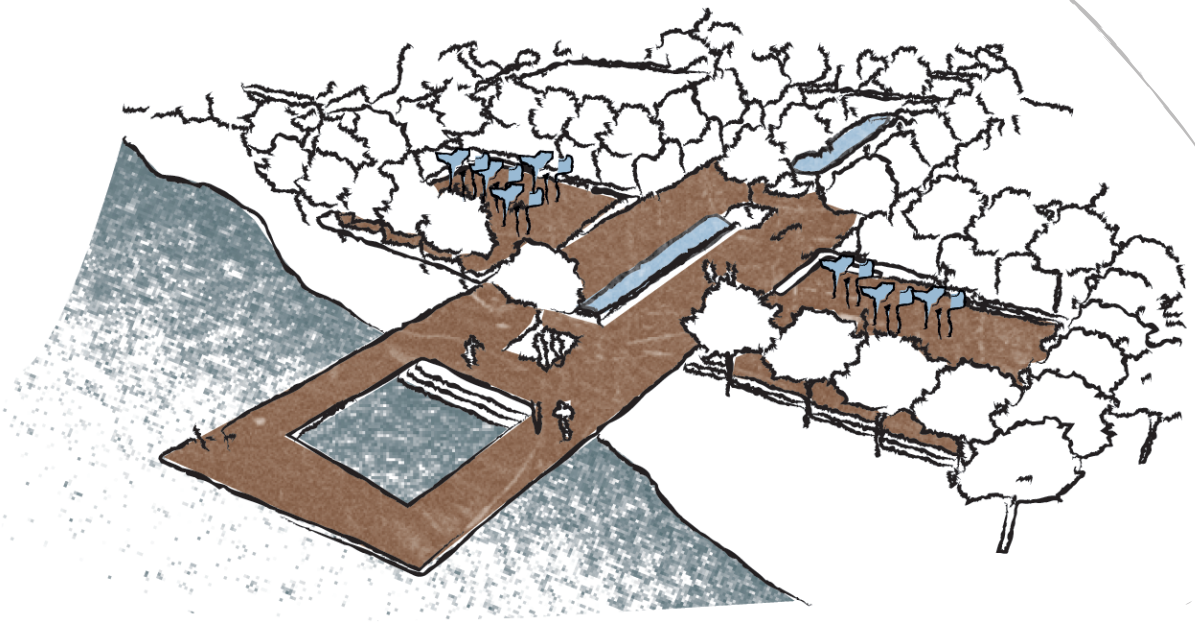
[Figura 68] Croqui da Zona de atividades (5), com os blocos propostos da quadra coberta e do salão de atividades. Fonte: Da autora , 2023.



[Figura 69] Croqui do Anfiteatro (6). Fonte: Da autora , 2023.

(4) Praça d’água

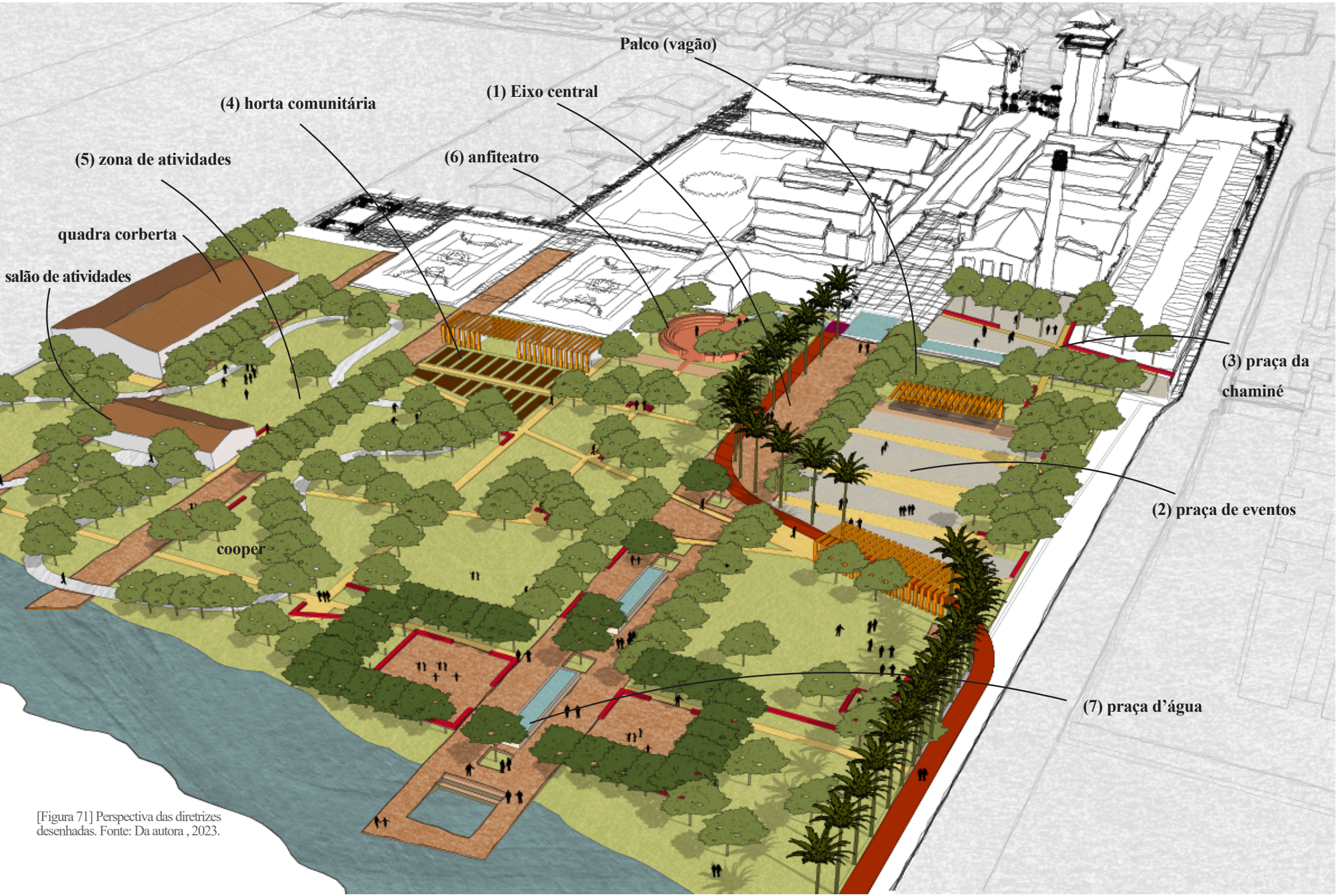
Concebida como elemento de arremate do Eixo Central e do projeto como um todo, a Praça D'água é composta por três momentos: espelhos d'água que, além de remeter àquele que marca o início do eixo no parque, trazem consigo a promessa do que está por vir: a margem do rio. O segundo momento trata-se dos pisos locados em ambos os lados do Eixo central, cujo objetivo é o de espelhar o paralelismo, entre os blocos A e G, presente na entrada do Nascedouro. Esse momento é marcado por fontes que emanam água diretamente dos pisos e evoca a sensação da água que está por vir. Por fim, um píer furado encerra o percurso e promove, por meio de uma proposta sensorial, o encontro com o Rio Beberibe que se anunciava ao longo de todo o caminho.



[Figura 70] Croqui da Praça d’água (7). Fonte: Da autora , 2023.

TRANS.BORDAS

Atravessando os limites
O fio tece a malha borda
Por todos os lados vertendo
Acorda maré e transforma
Olho d’água fluindo
O fio puxa feito em corda
Reverberando por fim
Maré cheia transborda



[Figura 71] Perspectiva das diretrizes desenhadas. Fonte: Da autora , 2023.

considerações finais

Este trabalho teve como objeto de estudo o Nascedouro de Peixinhos e sua complexa relação com a paisagem do bairro. Essa relação está costurada na memória viva do lugar, acumulada através do tempo e dos diversos fluxos culturais e sociais que se desenrolaram no seu espaço. Foram precisamente esses fluxos e seus transbordamentos que permitiram que o antigo Matadouro fosse transformado em Nascedouro de Cultura.

Os passos dados para conhecer o lugar enquanto objeto de um projeto de Arquitetura da Paisagem partiram da discussão do conceito de paisagem enquanto experiência. Para isso, utilizei os conceitos debatidos por Besse (2012), Corner (1992) e Diedrich (2013). A ideia da paisagem enquanto fenômeno complexo, que congrega diversas relações dinâmicas através do tempo e do espaço é comum a esses três autores.

Compartilham, também, a ideia de que o projeto deve se pautar pela régua da pertinência — critério que só se pode descobrir a partir do meio próprio da paisagem, em seu contexto. O projeto é, portanto, descoberto na experiência do lugar. Nesse sentido, as categorias fenomenológicas propostas por Corner (1992) foram de extrema utilidade enquanto pontos de partida para conhecer o Nascedouro — visto através das lentes da espacialidade, da temporalidade e da materialidade.

O conceito de Nascedouro ecoa pelo bairro e evoca um sentido de reconexão do espaço do Centro Cultural com a dinâmica de seus arredores, com sua própria história e com os elementos geográficos que compõem seu território. Em especial, o Rio Beberibe — hoje segregado da paisagem do bairro — surge, a partir da análise do lugar, ao lado do antigo Matadouro como elemento estruturante e condicionante da ocupação de Peixinhos.

É justamente essa reconexão que norteia o projeto aqui apresentado. O Parque Nascedouro de Peixinhos tem como objetivo articular, mais uma vez, o complexo do Nascedouro à malha da cidade e promover o reencontro com o Rio Beberibe; dessa forma, que o Nascedouro possa, outra vez, representar um ponto de reverberação, de transbordamento mesmo, de onde possa fluir qualidade urbana para o seu entorno. Os gestos projetuais aqui propostos, na forma de estudo preliminar, simbolizam um esforço nessa direção: fortemente apoiados na memória e no espaço do lugar, costuram a paisagem do Nascedouro na trama complexa que o envolve.

referências bibliográficas

BESSE, Jean-Marc. **O Gosto Do Mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: ED UERDJ, 2009

CORNER, James. **Representation and landscape: Drawing and making in the landscape medium**. Word & Image, v. 8, n. 3, p. 243-275, 1992.

DIEDRICH, Lisa. **Entre a tábula rasa e a museificação. Paisagem patrimônio**. Porto: Chaia e Dafne, 2013.

PAULA, De. Zuleide (2000) **Peixinhos: Um rio por onde navegam um povo e suas Histórias**. Recife, Bagaço.

CAMPOS, Hernani Loebler. **O Rio Beberibe e sua importância para o abastecimento de água da Região Metropolitana do Recife–RMR: uma perspectiva histórica**. CLIO: Revista de Pesquisa Histórica, v. 26, n. 1, 2008.

SOUZA, Roberto Silva. **Particularidades da Evolução do Espaço Urbano de Olinda (PE) No Contexto Histórico de Propriedades Fundiárias**. Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

FONSECA MACHADO, Ninive. **Do matadouro ao nascedouro: a criação de novos espaços de participação juvenil**. 2003. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita. et al. **Cadernos de arquitetura e urbanismo: Cidade-paisagem**. v. 2. Recife: Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Pernambuco [CAU/PE]; João Pessoa: Patmos Editora, 2017.

PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. **Lei de Uso e ocupação do Solo da Cidade do Recife**. Lei n. 16.176/1996. Disponível em: https://leismunicipais.com.br/plano-de-zoneamento-uso-e-ocupacao-do-solo-recife-pe/. Acesso em: 20 out. 2020.

PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. **Revisão do Plano Diretor do Município do Recife**. Diagnóstico, s/d. Disponível em: http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/planodiretor/diagnostico_ii.html. Acesso em: 20 out. 2020.. LEI Nº 17.511/2008.

OLINDA. **Plano Diretor do Município de Olinda**, lei Nº 026/2004. Olinda, 2004

_____. **A História de Peixinhos: dois bairros e um só coração**. Acesso em 2021. Disponível em: <https://vozesdazonanorte.blogspot.com/search?-q=peixinhos>

_____. **Peixinhos.** Acesso em 2022. Disponível em: <https://movimentobocalixo.wordpress.com/peixinhos/>

_____. **Ocupação da Biblioteca Multicultural Nascedouro.** Acesso em 2022. Disponível em: <https://movimentobocalixo.wordpress.com/bmn/>

_____.**Nascedouro de Peixinhos precisa de reformas.** <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2015/08/20/nascedouro-de-peixinhos-precisa-de-reformas-195076.php>

_____. **Moradores protestam no Nascedouro de Peixinhos.** Acesso em 2022. Disponível em: https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2014/05/09/moradores-protestam-no-nascedouro-de-peixinhos-127524.php

_____. **Nascedouro de Peixinhos.** Acesso em 2021. Disponível em: <https://www.olinda.pe.gov.br/tag/nascedouro-de-peixinhos/>

_____. O **Nascedouro de Peixinhos.** Acesso em 2021. Disponível em: <https://rnbc.org.br/curiosidade/nascedouro-de-peixinhos/>

AV. BRASÍLIA

PRAÇA DA CHAMINÉ

ACESSO

AVENIDA ANTÔNIO DA COSTA AZEVEDO

ACESSO

ANFITEATRO

HORTA COMUNITÁRIA

PRAÇA DE EVENTOS

QUADRA COBERTA

SALA DE ATIVIDADES

COOPER

PRAÇA D'ÁGUA

RIO BEBERIBE

1m 10m 20m 50m 100m

0 5m

TRANS.BORDAS

DIRETRIZES DESENHADAS PARA O PARQUE NASCEDOURO

LAÍSA FERNANDA SANTOS DE AQUINO
ORIENTADORA: LÚCIA VERAS

ABRIL 2023

APÊNDICE 1: PROPOSTA PARQUE NASCEDOURO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO

- palmeiras propostas
- arborização do parque
- arborização nascedouro
- arborização eixo central
- arborização entorno

PRANCHA 1/1

ESC_1:500

NORTE